

INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Santa Teresa

MÉTODOS E TÉCNICAS DE EXTENSÃO RURAL

Material apostilado básico, como parte do conteúdo da disciplina Comunicação e Extensão Rural do Curso de Bacharel em Agronomia do IFES *Campus Santa Teresa*

Professor: Antonio Elias Souza da Silva
Engenheiro Agrônomo, MSc. Extensão Rural/ Desenvolvimento Agrícola.

Vera Lucia Martins Santos
Extensionista Rural do Incaper

❖ **Texto atualizado em junho de 2014**

Janeiro de 2013
São João de Petrópolis
SANTA TERESA-

MÉTODOS E TÉCNICAS DE EXTENSÃO RURAL

Material apostilado básico, como parte do conteúdo da disciplina Comunicação e Extensão Rural do Curso de Bacharel em Agronomia do IFES *Campus Santa Teresa*- ES

Professor: Antonio Elias Souza da Silva
Engenheiro Agrônomo, MSc. Extensão Rural/ Desenvolvimento Agrícola.

Vera Lucia Martins Santos
Extensionista Rural do Incaper

❖ **Texto atualizado em junho de 2014**

Janeiro de 2013
São João de Petrópolis
SANTA TERESA- ES

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. MÉTODOS E TECNICAS DE EXTENSÃO RURAL

2.1. Contato.

2.2. Atendimento.

2.3. Visita.

2.4. Reunião.

2.5. Encontro.

2.6. Curso.

2.7. Palestra.

2.8. Dia de Campo- DC

2.9. Dia Especial.

2.10. Excursão.

2.11. Demonstração de Métodos- DM

2.12. Demonstração de Resultados- DR

2.13. Unidade Demonstrativa- UD

2.14. Unidade de Observação- UO

2.15. Seminário.

2.16. Oficina.

2.17. Diagnóstico Rural Participativo- DRP

2.17.1. Tempestade de Ideias

2.17.2. Linha do Tempo

2.17.3. Muro de Lamentações

2.17.4. Mapa Falado

2.17.5. Travessia ou Caminhadas

2.17.6. Calendário Sazonal

2.17.7. Árvore de Problemas

2.17.8. Matriz de Priorização

2.17.9. Leitura da Paisagem

2.17.10. FOFA

2.17.11. Diagrama de Venn

2.17.12. Planejamento Participativo

2.17.13. Matriz de Planejamento

3. BIBLIOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

Antônio Elias Souza da Silva
Vera Lucia Martins Santos

Com a mudança do papel do extensionista ao longo da história, que deixa de ser focada na difusão de tecnologias, para ser um articulador e facilitador de processos de desenvolvimento sustentável, as mudanças nas estratégias de ação, nas metodologias, métodos e técnicas utilizadas foram naturais e necessárias.

Atualmente o extensionista tem que estar preparado para manejar e utilizar um grande número de métodos, técnicas e ferramentas que permitam desenvolver suas ações diárias. Pensando nisso, foi realizada uma capacitação sobre metodologias de extensão rural para um grupo de extensionistas e pesquisadores do Incaper, que não tinha a finalidade de somente ensinar a executar métodos, mas principalmente pensar e discutir sua eficácia e identificar como estas técnicas estavam sendo utilizadas de acordo com o novo enfoque de ATER.

A proposta da capacitação contou com a participação da Emater- RS e a parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário- MDA, que possibilitou um repensar institucional, ora focalizando os métodos, ora a extensão rural e o próprio entendimento de desenvolvimento rural sustentável. Nesta repensar ficou claro a necessidade de trazer uma nova abordagem, que levasse em consideração as mudanças nesses enfoques.

Os Métodos de extensão foram revistos e avaliados coletivamente. A proposta da AAP, (escrever a sigla por extenso) discutida no curso, foi o pano de fundo de toda a reflexão, assim tanto aos chamados “métodos clássicos”, quanto às técnicas participativas, sofreram propostas e modificações, mais com a intenção de serem mais eficientes no trabalho de desenvolvimento rural sustentável e do fortalecimento da agricultura familiar.

Os métodos, técnicas e ferramentas aqui apresentadas servirão de apoio para orientar em primeira instância as ações dos agentes em desenvolvimento rural do Incaper, tanto extensionistas quanto pesquisadores que atuam na promoção do desenvolvimento rural em suas rotinas de trabalho. Optou-se por apresentar os métodos que constam no Sistema de Informações de ATER- SIATER do Incaper e, neste sentido, alguns conceitos são frutos da reflexão das rotinas diárias do Instituto que no debate, o grupo concluiu ser necessária sua adequação, frente aos desafios de mudança do enfoque da extensão

rural. Diante dessa nova concepção e abordagem cabem aos agentes avaliarem utilizar para maximizar os resultados de acordo com os objetivos traçados, público alvo, a infraestrutura disponível e a realidade local.

Pela forma participativa de discussão do conteúdo que se segue e pelo conjunto riquíssimo de propostas de mudanças apresentado pelo grupo, acredita-se que os ajustes metodológicos possam estimular novos processos participativos e novos conhecimentos e informações sobre questões que muitas vezes são obstáculos à atuação dos profissionais que lidam com o desenvolvimento rural.

O alerta que os autores deixam é que o texto não pretende ser uma referência definitiva e única de reflexão dos instrumentos metodológicos abordados. Portanto não deve ser tomado como regras definitivas, mas o início de um processo aberto ao diálogo e à construção participativa de um aparato metodológico que busca se adequar aos novos tempos da extensão rural brasileira, especialmente a capixaba. Trata-se de uma contribuição de profissionais que atuam no campo, no contato direto com agricultores e suas famílias, que com suas percepções, vivências e experiências puderam aperfeiçoar ainda mais esses instrumentos, no sentido de possibilitar maior interação e maior controle dos resultados advindos da ação extensionista, à sociedade.

2. METODOS E TÉCNICAS DE EXTENSÃO RURAL

2.1. CONTATO

O Contato é a maneira pela qual duas ou mais pessoas entram em comunicação, através da palavra falada ou escrita e ou do gesto para tratar de assunto de interesses comuns.

Em Extensão rural o Contato permite uma forma simples, porém eficiente de comunicação, sendo uma maneira do extensionista se comunicar com uma ou mais pessoas, no interesse do Programa de Trabalho, para uma troca de informações simples, rápida e de modo geral não planejada.

O Contato se caracteriza quando um agricultor ou liderança procura o profissional de extensão no escritório por alguma razão ou objetivo. Neste caso, surge a oportunidade de se estabelecer um contato pessoal espontâneo advindo do interessado. Não foi uma iniciativa agendada pelo técnico. Deve-se, então, mostrar e demonstrar o máximo interesse e não passar, de forma alguma, a impressão de alheamento ou de preocupação com outros assuntos.

A secretária deve estar bem preparada no sentido de receber bem as pessoas e de como dar informações objetivas, na ausência do extensionista.

Se não for possível prestar as informações desejadas, o agricultor ou liderança deve ser esclarecido sobre quando, onde e como pode obter as referidas informações.

Conforme a natureza e a finalidade da comunicação existem outras formas de contato que são utilizadas na extensão rural e que são de grande valia, sejam eles com líderes, com as famílias rurais. Normalmente tem natureza técnica, informativa ou de relações públicas e pode ser pessoal, telefônico e até por correspondência.

O **Contato com Líderes** é utilizado para combinar, avisar e convidar para realização de reuniões, excursões, exposições, treinamento ou qualquer atividade a ser realizada, no sentido de estabelecer datas de programação, encaminhar avisos para a família rural, coletar dados, informações e opiniões valiosas para o conhecimento das potencialidades, anseios e problemas das comunidades.

O **Contato com Famílias** é utilizado para dar conhecimento às famílias rurais, avisos, convites, campanhas além de facilitar o conhecer problemas e potencialidades dessas famílias, permitindo, ainda, observar o andamento de atividades que estão sendo desenvolvidas.

Quando é realizado com o objetivo de estabelecer **Relações Públicas** deve ser de forma simples e rápida para informar, convidar, oferecer e solicitar cooperação às autoridades, organizações ou instituições, jornalistas, radialistas, líderes formais e informais e outras pessoas formadoras de opiniões.

O **Contato Telefônico** tanto pode originar-se do escritório como pode ser efetuado por iniciativa do agricultor, liderança, mulher e jovem rural ou outras pessoas de interesse do Serviço. São úteis para pedir ou fornecer informações. Deve-se falar ao telefone com naturalidade e cortesia. Identificar-se prontamente, desenvolver a conversação com naturalidade e interesse e encerrar a conversação de modo que a outra pessoa saiba quando desligar.

O **Contato por Correspondência** é a carta pessoal ou email que se envia ou recebe com a finalidade de prestar esclarecimento, convidar, solicitar informações dentre outras finalidades. A correspondência deve ser em termos simples e objetiva. O extensionista deve responder satisfatoriamente e com a maior brevidade possível, usando papel timbrado da instituição a qual pertence.

Objetivos:

- ✓ Permitir a comunicação do extensionista entre uma ou mais pessoas, no interesse do Programa de Trabalho, para uma troca de informações simples, rápida e de modo geral não planejada.
- ✓ Desenvolver um serviço cooperativo e educacional devotado ao bem estar da comunidade, para arregimentar agricultores e para utilizar os recursos locais.
- ✓ Facilitar a aproximação e bom entendimento do extensionista com agricultores.
- ✓ Melhorar a utilização da influência pessoal, obtenção de informações rápidas e divulgação informal dos trabalhos.
- ✓ Transmitir informações simples.
- ✓ Atender demandas espontâneas dos agricultores e suas lideranças e organizações.

Desenvolvimento:

O profissional de extensão deve mostrar real interesse pela pessoa com a qual fala para que o escute com atenção. Não deve dizer o que fazer, mas sugerir apresentar ideias, influenciar atitudes e estimular o pensamento.

O contato deve ser amistoso, otimista e objetivo. As observações indicam a atitude das pessoas e poderão determinar a duração do contato, possibilitando abertura para novas estratégias de intervenções futuras.

Não confundir contato em Extensão Rural com contato pessoal ou particular.

O contato deve ter um objetivo real na execução dos trabalhos. Quando planejado ou não o agente de extensão deve saber o objetivo, como fazer e como alcançar o desejado.

Dependendo do tipo de contato, sempre que possível, deve-se ter em mãos, material adequado (cartazes, folhetos, folders, fotografias, dentre outros recursos) para que haja efetividade do método.

Os contatos devem ser registrados, não apenas pelo tempo que requerem do trabalho do profissional, mas, sobretudo pelo o que se discute.

O registro com anotações de nomes das pessoas e dos assuntos e temas tratados serve de memória que pode servir de fonte de informações para futuros envolvimento dos

agricultores em ações, atividades, projetos e programas de extensão rural, passando a ser fontes de referências para entender mais adequadamente a realidade local e para compor relatórios gerenciais da instituição.

2.2. ATENDIMENTO

O Atendimento é aquele método realizado no escritório, com duração maior do que um contato, e que gera resultados efetivos.

De um modo geral, no SIATER, se relata o atendimento feito no Escritório local (ELDR) que é quando um agricultor procura o profissional de extensão por alguma razão ou objetivo estabelecido, tais como: Solicitar a Declaração de Aptidão (DAP), a Interpretação de análise de solos, laudos técnicos, recomendações ou informações técnicas.

Objetivos:

- ✓ Auxiliar agricultores na obtenção de alguns documentos necessários para o desenvolvimento de suas atividades, fornecidos pelo Incaper, como DAP, recomendação de adubação, entre outros.
- ✓ Permitir a comunicação do extensionista entre uma ou mais pessoas, no interesse do Programa de Trabalho, para uma troca de informações.
- ✓ Facilitar a aproximação e bom entendimento do extensionista com as lideranças e agricultores.
- ✓ Atender demandas espontâneas dos agricultores e suas lideranças e organizações.

Desenvolvimento:

O profissional de extensão deve mostrar real interesse pela pessoa com a qual fala para que o escute com atenção. Não deve dizer o que fazer, mas sugerir, apresentar ideias e estimular o pensamento e a criatividade.

É preciso que o extensionista saiba ouvir, respeite e valorize a opinião e as percepções do agricultor e entenda as suas argumentações, para juntos, num processo de comunicação construir um novo saber. O atendimento expressa o interesse e a confiança que o agricultor deposita no profissional e na instituição, pois partiu dele a iniciativa.

O extensionista e/ou a equipe do escritório deve estar adequadamente preparado de

modo, a saber, ouvir e esclarecer sobre o assunto abordado e se possível sugerir novas ideias despertando o interesse por práticas mais adequadas aplicáveis aos assuntos discutidos.

É aconselhável o uso de recursos visuais tais como fotografias, cartazes, folder's, maquetes dentre outros, além de outras publicações que tenham conexão com os temas abordados, cuja linguagem devem estar adequadas ao agricultor ou liderança.

2.3. VISITA

Método planejado, de natureza objetiva, que consiste na ação do profissional de extensão ir ao encontro do agricultor, para discutir ou resolver assuntos específicos. Sua maior importância está no relacionamento que desenvolve com seu público, pois ao conhecer situações específicas e construir possíveis soluções para resolução de problemas, ganha confiança do seu público.

Neste método, a proposta dialógica e participativa é fundamental, pois são pelos diálogos que poderão ser construídas interações, conhecimentos e propostas de desenvolvimento.

Produz grande impacto podendo ser usado eficazmente, quando se quer motivar a introdução de uma nova prática, divulgar um novo programa ou obter informações para seu trabalho cotidiano. Os agricultores (as) em geral gostam muito desse método, pois ele passa a ideia de exclusividade.

As Visitas podem ser classificadas como visitas de assistência técnica, de acompanhamento e supervisão, de relações públicas, de observação e estudo de realidade, para coleta de dados, para realização de pesquisa ou para organização de trabalho.

Objetivos:

- ✓ Conhecer situações específicas e levantar informações necessárias.
- ✓ Conseguir cooperação de agricultores ou líderes, bem como despertar interesse de pessoas para programas locais.
- ✓ Conhecer os problemas e os anseios das famílias rurais e as condições em que se desenvolve a agricultura na comunidade.
- ✓ Promover relações públicas necessárias aos programas rurais locais ou regionais.
- ✓ Estabelecer bom relacionamento entre o profissional de extensão e a população,

especialmente com líderes formais e informais.

- ✓ Criar oportunidade de ensinar “in loco”, à vista dos problemas.
- ✓ Permitir a conquista da confiança da família do agricultor.
- ✓ Construir novos conhecimentos.
- ✓ Atender demandas específicas.

Desenvolvimento:

Antes de efetuar uma visita, o profissional de extensão deve ter seus propósitos bem definidos. É um método caro, levando-se em consideração seu alcance e por isso mesmo é preciso verificar se há vantagens comparativas em relação a outros métodos antes de ser realizada.

Deve ser usada da forma mais racional possível, observando-se, para tanto, o aproveitamento do retorno da viagem também para outras atividades, o conhecimento da realidade da família e da comunidade, observar fatores e características sociais, econômicas, ambientais, culturais, de empreendedorismo, dentre outras.

Para se realizar o planejamento de uma visita, se deve consultar as anotações da visita anterior e verificar o tipo de problemas ou eventos que possam estar ocorrendo na propriedade ou na área. Obter informações sobre o andamento do projeto quando for o caso.

No planejamento da visita é preciso estabelecer seu objetivo, dia, horário e tempo de duração, mais apropriados a sua realização.

Quanto à preparação para a visita, é preciso observar: o assunto em pauta e preparo e teste do material e equipamentos a utilizar; a seleção de materiais impressos sobre o assunto, como complementação das informações verbais; a seleção dos meios educativos a utilizar; e a estruturação do questionário ou roteiro a ser desenvolvido, caso a visita tenha como objetivo obter informações sob determinado assunto.

Durante a visita, uma das habilidades que o profissional de extensão deve ter é ser atencioso, demonstrando muito interesse no assunto que está sendo abordado e sabendo ouvir com paciência. O vocabulário precisa estar à altura da pessoa visitada e a conversação deve ser feita em local mais apropriado possível. Neste caso, apenas para exemplificar: se o assunto for ligado à tecnologia de produção de café, a conversação

deve se desenvolver dentro ou próximo da lavoura. Assim, o agricultor e o profissional têm todas as condições visuais para contextualizar o propósito da visita e construir juntos, a solução mais adequada.

Além disso, o agente de desenvolvimento rural, seja ele o pesquisador ou o extensionista, deve estar preparado para ter uma visão sistêmica da propriedade e da comunidade como um todo. Embora o objetivo da visita esteja sempre muito bem traçado, não se pode esquecer que os processos são sistêmicos, interdependentes e inter-relacionados. Um exemplo clássico e já um *causo* contado na extensão é quando um agricultor pediu a visita de um extensionista para ajudá-lo a entender o motivo de ter recebido uma multa por contaminação no seu tanque de criação de peixes. Chegando lá, o extensionista foi até o tanque, observou que de fato havia a contaminação, mas orientado por uma visão sistêmica e de diálogo com o agricultor, seguiram percorrendo a propriedade, para além do tanque e do foco do problema. Observaram, então, que o problema não estava no tanque e nem na propriedade do agricultor, mas em uma propriedade vizinha de onde vinha a água que, por já estar contaminada, contaminou o tanque.

Procedendo assim, o extensionista evitou uma visão distorcida, fragmentada, míope e que levou a uma ação equivocada do órgão fiscalizador.

Além desse exemplo, a visita possibilita tratar não só de assuntos da produção ou da cultura em questão, mas tratar de assuntos relacionados a questões econômicas, a comercialização e qualidade dos produtos, observar as questões sociais da família, situação dos jovens, das mulheres, os processos de organização social e da inserção das famílias às políticas públicas, enfim, a visita deve possibilitar uma percepção mais ampla e uma atenção mais aberta ao diálogo.

O profissional deve evitar focar a visita apenas nos aspectos técnicos produtivos, procurando envolver todos os membros da família nas discussões advindas da visita, além de falar de assuntos que possam conduzir a controvérsias, tais como religião e política para não causar constrangimentos ou ferir sentimentos.

É importante nunca dar impressão de estar equivocado, pois, antes de tudo, o profissional deve ter em mente que ele ajuda a analisar os problemas antes de construir a solução. Ser franco e honesto para com o agricultor é uma forma de ganhar sua confiança. Se o profissional de extensão for consultado sobre uma praga ou doença surgida em determinada cultura e ele não tenha muito conhecimento ou experiência sobre sua biologia, por exemplo, é preferível que ele estude primeiro o problema ou articule com um

especialista para depois fornecer a resposta do que tentar fornecer a solução no momento, sem precisão.

O profissional a todo o momento da visita deve estar estimulando o agricultor a externar seus anseios e desejos, pois em geral, essa estratégia cria oportunidades futuras e amplia os laços de confiança e aproximação. Pode-se também aproveitar a oportunidade para informar sobre programas, projetos e ações governamentais.

Uma técnica muito interessante para ser utilizada em uma visita é a caminhada transversal, esta pode ser realizada com o proprietário, os jovens, as mulheres, os meeiros e parceiros, Cada pessoa pode dar uma contribuição singular ao trabalho do extensionista se juntos observarem as diversas dimensões que compõe a complexa realidade.

2.4. REUNIÃO

A reunião é um método que se bem coordenado cria ambiente propício para aglutinar pessoas e ideias de interesses semelhantes. Ela pode ser usada como técnica determinante na introdução de novas práticas e conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e atitudes e na organização e desenvolvimento das comunidades rurais. Método simples de baixo custo se comparado a seu efeito multiplicador;

Cada vez mais as pessoas que tem problemas comuns e estão em processo de interação na sociedade e que buscam evoluir em suas relações, necessitam compartilhar suas ideias e seus conhecimentos.

Um profissional de extensão, que no cumprimento de sua função precisa comunicar-se com seu público, tem nesta metodologia uma ferramenta que pode auxiliar na missão de resolver problemas e encaminhar soluções.

No método Reunião é fundamental a motivação para a participação, o espírito proativo e o entusiasmo dos componentes do grupo. O sentido maior desse método é a interação, a cooperação e a participação democrática.

A reunião deve oferecer pelo extensionista recursos didáticos, como a palavra escrita e falada, a ação ou demonstração, a participação do grupo e a ajuda audiovisual.

Toda reunião deve ter como pano de fundo o diálogo e a participação. O tipo de reunião pode variar de acordo com a natureza (agricultores, líderes, autoridades, técnicos dentre

outros), o tamanho e o grau de conhecimento das técnicas pelos participantes. Sua escolha deve estar relacionada diretamente com o seu objetivo. Podem ser

Reuniões informativas de treinamento, para disponibilizar conhecimentos e ensinar práticas;

Reuniões analíticas ou de intercâmbio de ideias;

Reuniões resolutivas ou para tomadas de opiniões ou discussão de problemas comuns;

Reuniões de organização (constituição ou formação de grupos, comissões, comitês, dentre outros); ou Reuniões de planejamento e avaliação.

Objetivos:

- ✓ Socializar com uma ou mais pessoas com interesses comuns a apresentação e discussão de um assunto ou tema, no sentido de dar e tomar conhecimento, interagir ideias, discutir problemas e dar os encaminhamentos coletivos necessários.
- ✓ Desenvolver processos de autogestão das comunidades e grupos organizados.
- ✓ Estreitar as relações entre o extensionista e a população rural.
- ✓ Estimular a aproximação, que leva a socialização dos problemas, no intuito de ampliar os níveis de acertos nas tomadas de decisões coletivas de encaminhamentos.
- ✓ Permitir ao profissional, coletar informações, apresentar e divulgar programas e discutir assuntos de interesses das comunidades ou organizações de agricultores.
- ✓ Possibilitar aos participantes reconhecer o valor da organização, praticar a democracia em ação, desenvolver habilidades para falar e pensar em grupo, exercitar habilidades de liderança, desenvolver atividade social, receber informações técnicas e desenvolver o espírito associativista, tomando cuidados para não impor sua visão.
- ✓ Favorecer a manifestação individual, de grupos formais e informais.
- ✓ Possibilitar desenvolver técnicas de organização de grupos e de caráter associativista;
- ✓ Promover mudanças de habilidades e atitudes.

Desenvolvimento:

O sucesso de uma reunião seja qual for o tipo depende fundamentalmente do seu planejamento, do envolvimento e da motivação da comunidade e do agente de desenvolvimento rural. O responsável por essa tarefa deve levar em consideração a seleção do assunto, a definição dos objetivos, a escolha do tipo de reunião, a escolha e preparo do local, a definição de data e horário, o preparo do material necessário (recurso visual, informativos e publicações técnicas dentre outros), a elaboração de pauta ou roteiro, o convite aos participantes com antecedência e a definição do facilitador, relator e às vezes um observador.

O **observador** é uma pessoa que é incluída no grupo, mas não participa das discussões e também não opina a respeito do assunto. Na verdade ele é colocado para avaliar tudo, no sentido de aperfeiçoar o debate e extrair o máximo dos componentes. Essa figura é usada mais em reuniões sequenciais, tais como comitês ou grupos gestores. É também utilizado em outros métodos, como DRP, Oficina, entre outros. O observador deve perceber os aspectos do trabalho do grupo no sentido de melhorar seu desempenho; perceber e avaliar a ligação entre o desenvolvimento da reunião e os objetivos e metas a atingir; avaliar o ambiente e o afloramento das discussões em reuniões conflituosas; e avaliar a participação de cada um (facilitador, relator e membros).

Na realização de uma reunião, além do cumprimento do roteiro previamente estabelecido, deve-se considerar os seguintes aspectos:

- **Participação:** Desenvolver de forma que a participação promova interação entre o grupo e culmine em processos de autogestão dos atores sociais.
- **Informalidade:** Conduzir de modo espontâneo, criando confiança para a participação e manifestação de todos e ambiência para que os componentes do grupo externem suas opiniões.
- **Organização:** Em muitos casos o facilitador da reunião é definido previamente, pela própria natureza da reunião. Em outros casos o grupo pode escolher o coordenador, o relator, o observador e às vezes um assessor.
- **Método/moderação:** refere-se ao método de condução que é importante para se aproveitar melhor o tempo, para estimular a participação de todos e o aprofundamento do assunto, ajudar a manutenção do interesse e preparar as decisões e os encaminhamentos.

Existem dinâmicas que auxiliam na ambientação, na reflexão e na preparação para ação. Na maioria das reuniões se utilizam a combinação desses conceitos para se ter os resultados esperados. De qualquer forma elas são escolhidos em relação: aos objetivos, aos participantes e ao tempo disponível.

Ao executar a reunião o facilitador deve ter em mente alguns **cuidados na condução**:

- Chegar com **antecedência** ao local da reunião;
- Assegurar de que todo o **equipamento e material** que será utilizado foram providenciados;
- Começar na **hora marcada** e terminar a tempo, ou seja, quando não tenham caídos os entusiasmos dos participantes;
- Ter **conhecimento do assunto e não necessariamente das soluções**.
- Desejar boas vindas aos participantes; proceder a apresentação dos participantes (existem dinâmicas que auxiliam esta etapa), contextualizar sobre o assunto; esclarecer sobre o objetivo da reunião; motivar e dar conhecimento sobre a importância do assunto; solicitar a participação efetiva e a contribuição do grupo; conduzir os trabalhos e coordene os encaminhamentos.
- Procurar **sintetizar e visualizar** o que foi discutido para facilitar as conclusões, situando a contribuição de cada um no conjunto de pensamento do grupo. As ferramentas de Visualização Móvel permitem que a comunidade se aproprie do resultado. Além disso, a visualização permite uma reflexão mais elaborada sobre o assunto.
- Ser **companheiro de uma criação coletiva**: Tem que ser liberal, animador, gentil, imparcial, paciente e ponderador;
- **Vigiar** quanto à participação, o interesse permanente, o desenvolvimento do assunto; a coerência; o horário, a administração de possíveis conflitos de ideias ou opiniões;
- **Não fazer discurso**, apenas contextualize o assunto ou use técnicas grupais;
- Se a previsão é de uma **reunião de grande duração**, tendo em vista a complexidade do assunto, programar e proporcione um **intervalo rápido** para um descanso mais ou menos na metade do tempo disponível.

- Proporcionar **a todos** a oportunidade de se expressarem;
- Evitar, no entanto as intervenções muito longas ou perguntas ou interrupções desorientadas;
- Fazer um **resumo** do assunto tratado, das conclusões e encaminhamentos;
- Distribuir **material informativo** que tenha relação com o assunto discutido;
- Escutar as pessoas e tenha a capacidade de repetir o que ela disse sem erro. Saiba acompanhar o pensamento de alguém e construir um pensamento um projeto ou uma ação com ele;
- Saber tomar nota com clareza de uma intervenção durante a reunião. Saber escrever um relatório conciso e essencial. ;
- Saber ler em público de maneira clara, agradável, inteligente. Saber falar em público em intervenção preparada ou intervenção improvisada e contar uma história, um acontecimento. Saber enriquecer a si mesmo e ao grupo.
- Proceder a **avaliação** do método com alguns componentes aleatórios, tendo em vista a melhoria do mesmo junto ao público alvo. Existem várias formas e dinâmicas de avaliação e o facilitador pode escolher aquela que melhor o auxiliar para cumprir os objetivos propostos, além da que tiver mais domínio na aplicação.

Ao final da reunião deve ser produzido um relatório que pode ser analítico ou sintético ou executivo, sendo importante que uma cópia do relatório fique com a comunidade/ associação ou grupo que está participando da reunião.

No Relatório analítico o extensionista escolhe e escreve o essencial das várias contribuições; Pode resumir, se for solicitada, a discussão em qualquer momento; relata com ordem e clareza cada problema abordado (situa o problema, indica os pontos de acordo e os pontos de desacordo entre os participantes e anota as conclusões obtidas); relata os elementos de uma ação decidida ou encaminhamentos. Escreve a relação das diversas tarefas, nomes dos responsáveis e os prazos fixados para a conclusão das tarefas; consulta o grupo , quando necessário, para assegurar a compreensão perfeita do pensamento do grupo.

No Relatório sintético ou executivo se reuni e organiza os pontos mais importantes selecionados durante a reunião, seguindo os temas essenciais abordados pelos

participantes. Esse tipo de relatório ajuda muito a reflexão e a continuação da discussão em outras reuniões, servindo ainda para a equipe ter conhecimento do que foi discutido e para fornecimento à imprensa se for o caso.

2.5. ENCONTRO

Consiste num método no qual se debate temas de interesses comuns de um grande grupo de pessoas, combinado o uso de outras técnicas como palestras ou exposições, fórum, mesas redondas e painéis, durante um ou mais dias.

Objetivos:

- ✓ Discutir problemas e/ ou interesses comuns de um grupo “específico” de pessoas, ou seja, um grupo de pessoas que compartilhem um mesmo assunto de interesse
- ✓ Possibilitar a busca de soluções para problemas definidos.
- ✓ Permitir o intercâmbio de informações e experiências entre todos os participantes,
- ✓ Nivelar e unificar conhecimentos.

Desenvolvimento:

Criação de um **comitê organizador** que deve planejar todo o encontro, decidir sobre o tema central, organizar o programa (exemplo anexo 1), definir público, palestrantes, metodologia, fazer a mobilização, divulgação, convites, amplitude (local, regional, territorial, estadual ou nacional), identificar local ideal com infraestrutura adequada, captar recursos financeiros e humanos, verificar a necessidade e providenciar hospedagem e alimentação, entre outras

É interessante que, sempre que possível, agricultores façam parte desse comitê, pois permite maior envolvimento, entrosamento, comprometimento e identificação com o evento, o que o qualifica.

Na execução das atividades, a comissão deve orientar e estar atenta para esclarecimentos necessários aos participantes;

O Encontro é aberto e conduzido pelo coordenador do comitê, obedecendo ao programa estipulado;

De acordo com a combinação de métodos determinada (preleções, fórum, mesa redonda

ou painel) deve haver moderador(a) e debatedor(a).

Os participantes (agricultores, técnicos, e demais interessados no tema) devem ter pontos de interesses comuns para que o debate não fique dispersivo e “dando voltas” sem chegar a atingir o objetivo proposto, nem que as conclusões sejam ideias de poucos e não de todos os participantes.

Após as exposições ou palestras deve haver espaços para questionamentos e esclarecimentos, sendo as intervenções anotadas por um relator para futuros encaminhamentos e ações. Os trabalhos são conduzidos de forma com que incentive todos seus membros a participarem contribuam para o debate do tema apresentado, proporcionando a troca de experiências e opiniões.

É preciso haver encaminhamentos para futuras ações que visem atender as demandas ou necessidades geradas pelo grupo. Dependendo do objetivo do encontro, é interessante que esses encaminhamentos sejam observados por instituições e pessoas que possam ser convidadas a buscar soluções aos encaminhamentos apontados.

Pode haver solenidade de encerramento, cabendo ao coordenador essa função.

2.6. CURSO



Curso, em Extensão Rural, é um processo de formação e capacitação, desenvolvido mediante programação específica, abrangendo outros métodos e recursos didáticos, objetivando capacitar ou atualizar conhecimentos a grupos de pessoas com interesses comuns.

O curso é utilizado a partir do interesse dos agricultores em determinada área. Grupos distintos podem demandar cursos diferentes. O método pode ser direcionado para um determinado manejo de culturas, qualidade, pós-colheita, para aperfeiçoar modos de gestão e organização das associações e cooperativas, comercialização, agroindústria, questões ambientais, conhecimento de novas culturas, etc. Na fase de adoção, é muito usado quando os agricultores ou agricultoras estão interessados na aprendizagem da tecnologia que lhes chamou a **atenção**, despertou seu **interesse**, sofreu sua **avaliação**, e, no seu consenso, se presta a **adotar**.

O Curso é, também, conceituado como método complexo, pois na sua execução entram métodos grupais simples, como a reunião, a demonstração ou a excursão, que dão possibilidades de envolvimento metodológico em uma ou mais fases de desenvolvimento. São usados também métodos de apoio à ação, como unidades demonstrativas, demonstrações de resultados e propriedades demonstrativas.

Objetivos:

- ✓ Capacitar grupo de interesse comum em determinado conteúdo;
- ✓ Estabelecer mudanças relacionadas com a adoção de novas tecnologias e/ou aperfeiçoamento de determinadas práticas e conhecimentos.
- ✓ Permitir aos agricultores o acesso a informações e melhores condições de acesso a políticas e programas de fortalecimento da agricultura familiar.
- ✓ Desenvolver práticas sustentáveis.

Desenvolvimento:

O planejamento de um curso deve responder a uma necessidade sentida pelo grupo e/ou identificada participativamente. A partir das informações levantadas e priorizadas em um DRP e após a realização do planejamento participativo, se verá a necessidade ou não de quantos e quais cursos.

Sua proposta deve ter origem dialógica, resultado da análise crítica e profunda do grau de conhecimentos e habilidades existentes, do que se deseja alcançar e dos recursos disponíveis que possam ser obtidos. Se isso acontecer, os envolvimento do instrutor/facilitador e dos participantes serão totais, assim como o aproveitamento.

A identificação de uma necessidade de treinamento é proveniente do grau de integração do profissional de extensão com seu público e sua área de ação e do grau de sensibilidade do referido profissional para com os problemas relativos ao modo de vida e de produção desse público.

Uma avaliação sistemática dos conhecimentos e habilidades já existentes é importante para se ter o que se denomina **avaliação diagnóstica**. O conjunto dessas informações será fundamental para estabelecer o conteúdo do curso junto com o público interessado.

Com essas informações, o extensionista e os agricultores terão em mãos uma situação que lhes permitirá decidir sobre: condições de aprendizagem do grupo, seleção do método que mais se adapta ao público, número de famílias a que irá atingir com o treinamento, tempo necessário para a consecução do objetivo e adaptações necessárias ao alcance do mesmo.

Assim como em outros métodos, é importante que os agricultores interessados sintam-se parte do processo de planejamento do próprio curso, participando ativamente de todo o

processo que antecede o curso, discutindo com o agente de desenvolvimento rural suas opiniões, suas propostas e soluções.

Agindo assim, o profissional não só permite maior engajamento do grupo, como possibilita que o processo de organização do curso seja também um processo de aprendizagem e emancipação dos agricultores.

Com a participação de alguns agricultores construir a emenda do Curso (exemplo no Anexo 2), que deve conter:

- **Datas** para todas as fases do curso. As datas também devem ser combinadas com o grupo, obedecendo às atividades dos agricultores e dos profissionais envolvidos;
- **Objetivos** - Devem ser definidos claramente, em função da análise diagnóstica.
- **Participantes** - Pessoas que desenvolvam a atividade ou que tenham interesse pelo tema. Pensar na representatividade, quando possível, de mulheres e jovens.
- **Local** - O curso deve ficar em um lugar próximo para os treinandos, de modo a facilitar o transporte de todos eles, caso não seja possível articular previamente como se dará o transporte. O local deve ser representativo das áreas em que se desenvolvem as atividades econômicas dos treinandos: áreas de plantação, de criação, de habitação, etc.
- **Instrutores** - É sempre produtivo envolver instrutores de outros órgãos em fases diversas do curso. Usar alguém da comunidade é sempre vantajoso, quando possível, por que aumenta a credibilidade no assunto, já que é alguém de dentro da comunidade que está dizendo para fazer e eles podem visualizar resultados e promove o orgulho da comunidade.
- **Recursos** - Os equipamentos e instrumentos para cada fase devem ser organizados e arrolados, previamente.
- **Avaliação** - Devem ser estabelecidos instrumentos e formas de avaliação do alcance dos objetivos. Em cada fase, executam-se as avaliações formativas, e no final, uma avaliação abrangente, somática. No que diz respeito a esse assunto é importante ter claro o que se quer avaliar e a partir daí utilizar a melhor ferramenta (está avaliando o curso, o programa, a turma, o cursando, o facilitador, os

conhecimentos e o local entre outros)

O curso deve priorizar a **Construção do conhecimento**, com incentivo a participação do público nessa construção sobre o tema em questão, valorizando o saber e a experiência dos participantes.

A **Postura do facilitador/instrutor** deve ser participativa, dialógica, de construção de conhecimento, que não nega os seus saberes, mas que consegue dialogar com os saberes dos agricultores. Procurar contextualizar, problematizar, registrar e encaminhar novas informações e conhecimentos. Deve ficar claro que não se está negando o saber e a importância do conhecimento do técnico.

Ao final do curso, após proceder a avaliação geral, confeccionar um relatório sobre o conhecimento que foi construído durante o evento, para ser encaminhado aos participantes e interessados.

2.7. PALESTRA

É uma exposição oral de um assunto, cuidadosamente elaborado por pessoa notoriamente competente no assunto ou tema. A competência e conhecimento quanto ao palestrante não estão necessariamente ligados ao “diploma” ou ocupação de cargos importantes. Assim, um agricultor pode ser convidado a proferir uma palestra, desde que o objetivo do método permita.

É provavelmente uma das técnicas mais comum e, talvez, a mais intensamente empregada. Não quer dizer com isso que seja deficiente por natureza, mas não raro é escolhida em lugar de outra técnica mais apropriada. O fato de ser fato de ser um método de relativamente fácil preparação não deve ser preferido se existirem outros mais recomendáveis.

Objetivos:

- ✓ Apresentar informações de maneira formal e direta;
- ✓ Identificar um problema ou um aspecto geral do problema;
- ✓ Explorar facetas limitadas de um problema;
- ✓ Explorar uma ou várias soluções de um problema.
- ✓ Propiciar uma forma conveniente de apresentar novo material de informação;

- ✓ Oferecer ao público uma oportunidade de ouvir uma pessoa com conhecimento no assunto, possibilitando troca de experiências e de informações.
- ✓ Despertar interesse em algum tema específico.

Desenvolvimento:

A palestra deve ser organizada por um coordenador com capacidade de coordenar e dar cumprimento às várias etapas de uma reunião com palestrante.

Esse coordenador planeja a ação e organiza todos os preparativos necessários, inicia os trabalhos pontualmente, na hora marcada, dá as boas-vindas ao grupo, apresenta o palestrante e coordena e encerra os trabalhos.

O **palestrante** ao ser convidado e aceito o convite para proferir a palestra deve discutir com o coordenador sobre o público que formará a plenária, profundidade do assunto a ser abordado, a forma mais adequada de apresentação e o tempo disponível da abordagem.

No momento da apresentação deve ater-se ao tema proposto e expor o assunto de forma lógica para facilitar a compreensão. Deve, se possível, conhecer previamente sobre particularidades e nível de conhecimento no assunto da audiência, plenária ou público e a ele dirigir-se de forma apropriada.

No caso de se utilizar recursos audiovisuais, evitar slides com excesso de textos. Os slides devem apenas apresentar os temas centrais dos assuntos abordados, cabendo ao palestrante o aprofundamento dos mesmos. A utilização de figuras, imagens e fotografias são importantes, pois atraem a atenção dos participantes e ajudam nos esclarecimentos.

Deve apresentar à plenária uma palestra ou preleção criteriosamente preparada, organizar a preleção de acordo com as necessidades do grupo, discutida anteriormente com o coordenador, respeitar o que foi acordado com o coordenador e o grupo, mantendo-se dentro do limite de tempo e responder prontamente as perguntas dos participantes.

O público deve ser constituído de pessoas interessadas no tema a ser exposto ou tratado. Essa audiência também deve se preparar para obter o máximo de proveito da palestra, lendo sempre que possível, sobre a matéria a ser tratada, discutindo-a com os outros membros ou refletindo sobre ela. Deve comparecer à reunião na hora certa, ouvir com atenção e pedir esclarecimento de dúvidas, seguindo os acordos realizados no início da

reunião.

2.8. DIA DE CAMPO (DC)



Trata-se de um método planejado com o objetivo de mostrar, durante um dia, uma série de práticas ou tecnologias bem sucedidas em uma propriedade ou comunidade. Tem o objetivo de motivar os produtores a adotar as referidas práticas. É composto por fases ou estações.

Sua realização deve acontecer em propriedades de agricultores colaboradores de grande espírito público, em propriedades demonstrativas ou em fazendas experimentais. Neste último caso, seu principal objetivo é o de dar conhecimento dos últimos trabalhos de pesquisas e fortalecer a articulação pesquisa-extensão-agricultor. Neste sentido, recomenda-se que o evento seja planejado por uma equipe contendo pesquisadores, extensionistas e agricultores.

O Dia-de-Campo pode se referir a uma só atividade agrícola ou não agrícola, ou a vários

aspectos da propriedade. Em qualquer dos casos devem ser convidados agricultores com potencial de adoção da tecnologia ou conjunto de tecnologias ou práticas a serem demonstradas.

Neste método, sua maior eficácia está na seleção dos produtores convidados, que deverá recair naqueles que apresentam as condições básicas para conhecerem e se motivarem para a adoção da tecnologia em “tela”. Portanto, a representatividade deve nortear os convites e não a quantidade dos produtores participantes.

Embora se constitua em um método com essência técnica, sugere-se que seja realizado em ambiente festivo para aumentar a sensibilidade do agricultor às inovações tecnológicas.

Por ser um evento especial dentro das atividades do Serviço de Extensão, consome um tempo razoável para seu planejamento e organização, além de recursos humanos materiais e financeiros para sua preparação e realização. Por isso se recomenda elaborar um Termo de Referência ou projeto para facilitar a busca de parcerias e apoios necessários.

Objetivos:

- ✓ Dar informação sobre a aplicação e resultados de práticas agrícolas bem sucedidas para produtores, técnicos e autoridades, nas condições locais.
- ✓ Mostrar resultados de uma série de práticas ou usos de equipamentos.
- ✓ Capacitar agricultores e técnicos.
- ✓ Criar desejos para o melhoramento dos trabalhos na propriedade.
- ✓ Ensinar práticas mediante demonstrações.
- ✓ Mostrar os efeitos de uma prática mediante a demonstração de resultados (DR).
- ✓ Dar informações sobre as atividades executadas pelo serviço de extensão.
- ✓ Motivar agricultores à adoção de práticas mais – sustentáveis.
- ✓ Promover atitudes favoráveis para os técnicos e fortalecer a relação entre agricultores e profissionais de extensão e pesquisadores.
- ✓ Conhecer opiniões, práticas e saberes de agricultores sobre as práticas que se mostram.

- ✓ Divulgar o trabalho do profissional de extensão.
- ✓ Promover a integração municipal e regional e do serviço de pesquisa e de extensão.

No caso do DC se realizar numa Universidade ou estação experimental os objetivos são:

- ✓ Mostrar os resultados de pesquisa consolidados e valorizar os serviços da instituição.
- ✓ Criar confiança na Instituição e nos pesquisadores.
- ✓ Fortalecer relações entre o profissional de extensão, os agricultores e os pesquisadores.
- ✓ Motivar e despertar desejos para melhorar os trabalhos agrícolas.
- ✓ Melhorar a articulação pesquisa- extensão- produtor.
- ✓ Estimular futuros trabalhos compartilhados.

Desenvolvimento:

Assim como nos demais métodos, o dia de campo deve ser nascido de demandas do diagnóstico e planejamento participativos. É necessário formar um **Comitê organizador**, que deve ser composto por agricultores, profissionais de extensão, representantes de instituições parceiras, públicas e/ou privadas e pesquisadores, podendo ser envolvidos também as casas comerciais locais e regionais. Deverá ser instituído com bastante antecedência e será responsável não só pela organização geral, mas também pelo desenvolvimento e avaliação do dia de campo. Para cumprir suas atribuições pode designar tantos subcomitês quanto necessários.

Uma das atividades do comitê será a de estabelecer e definir os **objetivos** do evento que deverão logicamente estar relacionados com o programa de extensão.

No **Público** a ser convidado, além dos agricultores foco da ação, devem ser considerados como possíveis participantes, as autoridades, os extensionistas, os pesquisadores, os representantes de casas comerciais e outros profissionais ligados aos serviços públicos que tem conexão com o rural e o tema a ser abordado. O cálculo quantitativo de participantes deverá permitir uma condução razoável e eficaz, levando em conta que o público por estação não deve ultrapassar 25 pessoas, devendo-se considerar um número máximo de 05 estações.

O Conteúdo do **programa** (exemplo no anexo 3) será de acordo com os objetivos já estabelecidos pelo comitê, e com base na cultura, atividade ou tema a serem trabalhados. Identificam-se as práticas ou tecnologias que serão demonstradas e quantas estações serão necessárias para detalhar essas práticas. Atentar para não “carregar” o programa a ponto de causar confusão. Lembrar que as estações necessitam de ter uma sequência lógica ou conexão uma com as outras para facilitar o entendimento dos participantes.

Definido o conteúdo pode-se ter uma noção de quais **técnicas e recursos audiovisuais** podem ser utilizados. Somente explicações verbais e utilização de álbum seriado não são suficientes. É preciso associar formas mais concretas de aprendizagem, tais como técnicas que incluem o saber, o fazer ou o praticar do agricultor, na medida do possível. A prática é sempre mais eficiente do que apenas ouvir e ver.

Deve-se elaborar uma listagem dos itens de insumos materiais que serão necessários à realização do método com suas respectivas quantidades que será a base para compor o **orçamento**. As fontes doadoras ou financiadoras de recursos ou materiais deverão ser explicitadas para valorização dos parceiros. Neste caso sugere-se a composição de um quadro de recursos seus usos e fontes. Não se pode esquecer que a mobilidade e a alimentação dos participantes podem implicar em dispêndios que devem se traduzir em itens do orçamento

A **Seleção da propriedade** é um dos fatores mais críticos do dia de campo. Se não é uma fazenda pública, deve-se escolher aquela que por diversas razões e características seja representativa do conjunto de propriedades da comunidade, município ou região. O proprietário também deve ser representativo do conjunto de agricultores e colocar a sua propriedade e a si mesmo a disposição, interessar-se pela prática e exercer certa influência ou liderança natural sobre os demais. Deve ser um local de fácil acesso para os agricultores e ter um trabalho que permita mostrar ‘in loco’ as práticas desejáveis. A propriedade selecionada deve estar adequadas ambientalmente, não apresentar lixo ou resíduos espalhados, ou seja, não ser modelo apenas na produção em si.

Devem ser feitas algumas **operações prévias**, como certificar-se dos resultados com bastante antecedência na propriedade selecionada e identificada a época mais adequada a serem demonstradas as práticas tendo em vista os efeitos visíveis. O Comitê deve visitar a propriedade muito antes do evento para observar “in loco” todas as nuances que exigem um dia de campo bem planejado. Neste dia é possível identificar ou pelo menos ter uma noção de quantas e quais são as estações.

A **Publicidade** do evento deve ser iniciada com antecedência e intensificar-se nos últimos dias. Convites formais, cartas circulares pessoais e emails são formas eficientes de conseguir participação. Pode-se também utilizar imprensa, rádio, televisão. Os convites devem ser feitos com antecedência e ser acompanhados do programa do evento e outros detalhes que se julgar necessário para melhor entendimento.

Deve ser realizado em **época** conveniente em que não haja perigo de fenômenos climáticos que podem prejudicar sua execução. O dia da semana deve ser marcado, levando-se em consideração os costumes e desejos dos agricultores. Datas e épocas que coincidem com colheita ou outras operações que exigem envolvimento dos agricultores em tempo integral nas propriedades podem frustrar a presença de público desejado.

Em relação aos **Recursos humanos e materiais**, com antecedência se devem delegar responsabilidades aos extensionistas e aos agricultores que farão as explicações, as pessoas que terão a tarefa de recepcionar, os guias das estações do dia de campo e os encarregados de fazerem a introdução e o encerramento do evento.

Dentre os materiais podem ser necessários: som, projetores, álbuns seriados, placas indicativas e demais materiais de ensino.

Em alguns casos onde as estações ficam um pouco distanciadas entre si, pode ser necessário transporte das pessoas. É claro que esses meios de transportes devem ser seguros. Em certos casos deverá ser facilitada a mobilidade dos agricultores desde sua residência até o local onde será realizado o dia de campo. Agricultores voluntários, extensionistas, secretarias municipais/ prefeituras e casas comerciais podem facilitar com os transportes.

Preparar **formulários de inscrição e material para anotações**. Convém preparar um pequeno formulário ou ficha para registro de participante no evento. Neste formulário devem constar informações como: nome do agricultor, nome da comunidade e município o qual pertence, causa que motivou vir ao evento, culturas de interesse, dentre outras informações importante para controle do escritório de extensão. Deve-se ter à disposição caneta ou lápis e papel para o caso de algum agricultor interessar em fazer anotações.

O **registro da presença** dos agricultores pode ser feito no formulário de Declaração de Assistência Técnica (DAT), mas, os demais convidados ou técnicos devem ser registrados em lista de presença própria que contenha informações dos participantes e de seus contatos.

Deve ser elaborado um croqui do **percurso** (itinerário) do dia de campo, iniciando com a inscrição e com as indicações do lugar das estações e o local onde serão dadas as boas vindas e as explicações prévias, das diversas estações e dos lugares onde o agricultor pode beber água e café, além do almoço. Este último se estiver programado.

As **estações** podem e devem contemplar além de temas produtivos, outros temas ligados a parte ambiental, social e econômica da propriedade, assim como a comercialização, saúde do agricultor, beneficiamento e processamento da produção, proteção de nascentes e construção de caixas secas, entre outras.

Deve-se calcular a **duração** total e cada uma das etapas do evento. O tempo dispensado para cada estação não deve ser superior a 20 minutos, sem contar o tempo gasto no trajeto de uma estação para outra.

A **Sinalização do percurso** deverá ser feita mediante setas e letreiros e serão indicados os principais pormenores das práticas que se quer mostrar nas diversas estações. Os possíveis locais de passagens das pessoas devem ser limpos para facilitar a circulação.

O **Estacionamento para veículo** também é um item importante e deve merecer a atenção na fase de planejamento. Escolher local que facilite não só a chegada dos veículos, mas também a saída quando do encerramento.

Para aproveitar o tempo, enquanto se prepara o início do evento ou mesmo quando terminar as atividades se pode planejar um local para realizações de algumas exibições preparadas pelas **casas comerciais**, em sintonia e conexão com o tema do dia de campo.

No momento do **almoço** é conveniente ter programações musicais ou culturais típicas do município ou região. Quanto ao almoço em si, este deve ser servido com rapidez, evitando filas intermináveis e constrangimento.

Convém sempre que possível criar meios de **avaliar** o evento utilizando-se de informações dos agricultores sem, contudo se utilizar de formulários ou questionários grandes. Talvez seja mais adequado determinar alguns membros da equipe para aleatoriamente captar os comentários dos participantes, sem instrumentos de avaliação formal. Essas pessoas (observadores) devem a todo o momento estarem atentos a tudo que está acontecendo, se utilizando de observações criteriosas para tirarem conclusões que serão fundamentais ao processo de avaliação.

Posteriormente é preciso planejar a **reunião de avaliação**, se possível no próprio local, com o pessoal da organização e o grupo de observação, levantando os pontos favoráveis e limitações na execução do dia de campo.

É sempre importante encaminhar **cartas ou e-mails às entidades parceiras**, falando do resultado do dia de campo e agradecendo pela colaboração, visando novos apoios no desenvolvimento de programa de extensão rural.

Sempre que possível é sempre providencial fazer um **ensaio** para ajustar a linguagem e o tempo a serem desenvolvidos nas estações. O ensaio permite ainda aperfeiçoar a apresentação e demonstrações, a forma de exposição dos profissionais que vão desenvolver os temas e as práticas e indicar com precisão os materiais necessários.

Os profissionais de extensão devem ser os **primeiros a chegar** ao local do evento, fazendo isso com uma hora de antecedência para montar suas estações, checar suas responsabilidades, aguardar a chegada do pessoal e tomar outras providências.

Assim que os agricultores chegam são recepcionados e conduzidos a se **inscreverem**, momento em que são agrupados, recebendo uma **etiqueta de identificação** com cores diferentes ou com números, de acordo com o número de estações. Estas devem ser afixadas em locais visíveis.

Logo são apresentados e entregues a um guia que também deve carregar uma **pequena placa** da cor ou com o número da estação correspondente. Esses guias serão responsáveis por conduzir seus grupos de agricultores às estações. São responsáveis também por apresentar devidamente o profissional ou agricultor que vai desenvolver o tema previsto, além de controlar o tempo por estação.

Nestas estações os participantes, recebem informações diversas, através de palestras, demonstrações de métodos, dentre outros. Assim que passarem pela última estação, os agricultores estarão liberados.

É importante lembrar que a primeira estação deve ser sempre o local onde o agricultor recebe informações de caráter geral sobre tudo aquilo que vai ver no dia de campo, bem como o seu significado. As demais estações tratarão de assuntos técnicos. O tempo de duração dos métodos utilizados não deve ultrapassar ao programado no planejamento (20 minutos). O tempo total do percurso de um grupo pelas estações não deve passar de 2 (duas) horas. O controle desse tempo é responsabilidade do coordenador.

Vale destacar que o dia-de-campo é, em sua essência, um **evento técnico e não um evento político**. Portanto sugere-se que o momento político, com a fala de autoridades, não seja feito na abertura e sim no encerramento, para não correr o risco de haver prejuízo na execução da parte técnica, já que pode causar atrasos ou tornar cansativo o evento.

2.9. DIA ESPECIAL

É o método de extensão que promove atividades visando aglutinar forças para o encaminhamento de determinados problemas ou determinada ação de desenvolvimento.

Objetivos:

- Envolver e valorizar a população ou a comunidade em torno de um problema ou determinada ação de desenvolvimento.
- Promover o entrosamento de agricultores, técnicos, líderes e autoridades dessa ou de outras comunidades na apresentação e soluções para os problemas locais.

Desenvolvimento:

Dentro de uma finalidade, o Dia Especial poderá ser estruturado através uma série de atividades, que visam aos objetivos perseguidos. É interessante que o mesmo conte de três etapas distintas.

A **Primeira etapa** é aquela que vai focalizar a questão objetivada, assim como crédito Rural (ex: Linhas de crédito do Pronaf), uma atividade produtiva (ex: Abertura da colheita do morango), saúde da comunidade (ex: Diabetes e obesidade), juventude rural (ex: Ações de valorização), eletrificação rural (ex: Energia produtiva), estradas rurais (ex: Melhoria da trafegabilidade), comercialização (ex: Programa de Aquisição de Alimentos), lançamento de Programa (ex: Lançamento do Programa de café 'Renovar Arábica'), entre outras.

A **Segunda etapa** é aquela que visa dar um reconhecimento aos que vêm se destacando em realizações referentes ao assunto que deu motivo ao evento. Referem-se a homenagens ou premiações por notória, colaboração ou destaque dentro do assunto que está sendo abordado. Ex: Membros de Comissões, Líderes, colaboradores, Agricultores, Professores, profissionais da pesquisa e da extensão, dentre outros.

A **Terceira etapa** é aquela que procura, através de uma atividade social (festa, desfile,

concurso de sanfoneiros, degustação de produtos das agroindústrias rurais, etc), promover melhor integração entre os membros da comunidade e pessoas representativas de instituições do rural.

Para realizar um Dia Especial é preciso formar uma Comissão, contendo representantes de instituições que trabalham com o tema central e membros da comunidade onde o método será executado.

Reunir a comissão para distribuir responsabilidades, discutir sobre a organização do evento, definir os objetivos a serem alcançados, elaborar programa do DIA, escolher e selecionar locais e data, listar materiais e elaborar orçamento, definir instituições parceiras e patrocínios, indicar pessoas a serem homenageadas se for o caso, elaborar plano de divulgação e um Termo de Referência ou um Projeto do Dia Especial (exemplo no Anexo 4).

Realizar **reuniões preparatórias** com as pessoas envolvidas (agricultores e membros da comunidade) no sentido de reafirmarem os objetivos estabelecidos no planejamento do evento e solicitar a todos o máximo de esforços para alcançá-los.

O **Programa** inclui as diversas etapas na ordem que deverão ser executadas. Cada atividade será detalhada, levando-se em consideração o tema, método aplicado e o local da sua realização.

Sob o ponto de vista da estruturação do **local** é preciso fazer um 'check liste'.

Reunir-se com os palestrantes para discutir sobre o evento como um todo e especificamente sob o tema a ser abordado. Ficar ciente também de quais equipamentos serão utilizados pelos palestrantes.

Considerando-se as atividades que serão desenvolvidas, deve-se ter o cuidado de **distribuir responsabilidades** entre os membros da equipe. Discutir em reuniões preparatórias as tarefas de cada componente da equipe.

Deve ser estabelecido um **plano de divulgação** visando dar conhecimento ao público beneficiário da ação, bem como a sociedade como um todo.

Na realização de um Dia Especial, poder-se-á incluir, por exemplo, uma exposição de trabalhos, palestras, mesas redondas, demonstração de práticas, desfile de máquinas e implementos agrícolas, visita a lavouras demonstrativas ou experimentos, visitas a propriedades modelos, atividades sociais e recreativas, ou distribuição e plantio de

mudas, livros e cartilhas. Pode-se realizar articulação entre outras instituições ou secretarias para promoção de outras ações, como, por exemplo, a disponibilização de informações sobre programas e políticas públicas, cadastramentos e licenciamentos diversos, ações de saúde, previdência e sociais, entre outras.

2.10. EXCURSÃO



É um método planejado pelo qual o profissional de extensão acompanha um grupo de agricultores com interesses comuns a locais onde existem evidências concretas sobre programas, projetos experiências ou inovações tecnológicas específicas que possam ser observadas e debatidas pelos participantes.

Caracteriza-se pelo deslocamento em conjunto de agricultores ao local onde se desenvolve ou se aplica práticas de interesse do desenvolvimento do Programa de extensão rural. É um método de extensão em que se mostra e se explica a aplicação de uma ou várias práticas a um grupo de pessoas com interesses comuns. É um método caro que atinge poucas pessoas em relação ao seu custo, mas de grande eficiência, já que os agricultores dialogam com outros agricultores e extensionista, fazendo um

intercâmbio de conhecimentos e visualizando os resultados efetivos, onde todos, técnicos e agricultores, aprendem.

Uma excursão pode ter **finalidade** recreativa, técnica, cultural ou técnico-cultural, podendo ter diversidade em **gênero e geração** e **abrangência** municipal, regional, estadual, nacional e internacional.

As excursões dentro do **município e até mesmo na região** devem ter preferências por questões de custos. Nesses dois níveis é mais provável que se encontre mais similaridades ou representatividade de ambiente. Há uma tendência entre os agricultores em ter aceitação maior em fatos verificados em condições semelhantes às que vivem do que outros vistos em regiões de condições diferentes. Às vezes, porém, não é fácil encontrar no município ou na região projetos ou experiências que sirvam para motivar interesses, sendo, então, necessário buscar em outros locais mais longínquos oportunidades desejadas.

O grupo de excursionistas deve ser **o mais homogêneo possível**, considerando todos os aspectos, para que o interesse e o aproveitamento sejam igualitários e o método seja aproveitado em sua plenitude. Não se devem selecionar participantes cujo grau de experiência e de conhecimentos em determinado assunto sejam muito discrepantes, pois ambos serão prejudicados no desenvolvimento do método. O interesse comum em determinado assunto deve ser um dos aspectos principais na seleção do grupo de agricultores e que esse interesse seja justificável em realizar uma excursão. Incluir no grupo agricultor que tem mera vontade de viajar para realizar um passeio ou porque é amigo do técnico ou ainda para aumentar ou completar o número de participantes é um erro gravíssimo, pois dispersa o grupo diminuindo a efetividade e o alcance dos objetivos da excursão.

Pode ser de caráter geral ou específico. De **caráter geral** é quando o objetivo é mostrar diversos aspectos diferentes em uma mesma excursão. Os participantes visitam projetos de cunho geral ou alguns locais que desenvolvem vários projetos ao mesmo tempo. Neste tipo se enquadram as excursões às instituições de Pesquisas ou a fazendas experimentais especializadas, propriedades de agricultores, associações, cooperativas, feiras. Não há maiores objetivos em aprender determinadas técnicas e sim simplesmente conhecer as instalações.

As de **caráter específico** objetivam mostrar aspectos específicos de uma ou mais técnicas isoladamente. Neste caso se enquadram as visitas às Estações Experimentais

de culturas ou criações, ou ainda observar exclusivamente determinada tecnologia (renovação de cafezais, adubação de milho, alimentação de gado na seca).

Objetivos:

- ✓ Proporcionar aos agricultores oportunidades de terem acesso a um conjunto de informações, conhecimentos e tecnologias, funcionando na prática com sucesso, fornecendo-lhe elementos de juízo capazes de motivar ou até mesmo acelerar seu processo decisório sobre o uso de uma prática ou desenvolvimento de uma atividade.
- ✓ Mostrar resultados nos próprios meios dos agricultores contribuindo para o processo de mudanças de atitudes, motivando, despertando a vontade ou interesse de mudar.
- ✓ Ampliar a experiência dos participantes.
- ✓ Permite verificar a técnica e/ou a prática em uso nas condições de campo.
- ✓ Despertar nos participantes novas necessidades e novas atividades, reconhecendo problemas não sentidos e soluções de problemas semelhantes aos seus.
- ✓ Possibilitar intercâmbios de ideias, com maior aproveitamento dos exemplos existentes.
- ✓ Permitir a reflexão a partir da análise de situações concretas, vividas por outros agricultores.
- ✓ Motivar, despertar a atenção ou criar interesse sobre o tema, entre os participantes.

Desenvolvimento:

A eficiência de qualquer método cresce quando seu preparo é cuidadoso e segue os preceitos de planejamento.

Na **Construção dos objetivos** deve-se responder a seguinte pergunta: o que se quer conseguir em termos de motivação, de adoção de determinadas práticas, de construção de novos conhecimentos, de troca de experiências para isso o que se deve visitar?

A determinação dos objetivos e os propósitos já praticamente definem algumas alternativas de **locais a serem visitados**. Neste caso, cabem visitas a esses locais para

que o profissional de extensão conheça as condições e os resultados, observar os aspectos úteis à excursão que o local oferece, discute a participação dos anfitriões, discutir os pontos importantes que devem ser abordados e enfatizados, verificar a existência de material e equipamentos e, definir pontos importantes tais como: data, horário de chegada, número de pessoas participantes, o que deve ser visitado e o tempo de duração.

Preparar uma **Listagem de providências** que referem aos levantamentos de ações que devem ser tomadas pelo extensionista, pelo proprietário e pelos participantes.

Durante os preparativos da excursão devem ser **divididas as responsabilidades** entre os promotores e os participantes. Para tanto deve ser composta uma comissão organizadora com subcomissões, cujos membros se encarregam de levantar e tomar as providências a eles atribuídas. Como exemplo se sugere: comissão de transporte, de alojamento, de alimentação, dentre outras.

O **número de participantes** geralmente é definido em função dos objetivos, dos meios de transporte e dos recursos disponíveis. Número reduzido de participantes diminui o alcance, ao contrário, número elevado reduz a eficácia. De modo geral, um aproveitamento eficiente e eficaz é conseguido em grupo de 15 a 25 participantes. Quando o grupo de interessados é muito grande é aconselhável dividir os participantes em subgrupos. Há quem recomende até 12 participantes por extensionista. Muitas vezes o número de participantes é determinado pelo tipo de transporte, como por exemplo, será de 5 pessoas por veículo, se a excursão for feita no carro de trabalho do extensionista.

Para o sucesso da excursão, **o estudo das informações a serem difundidas, o preparo dos materiais de distribuição e os testes de equipamentos** são fundamentais para que não hajam improvisações de última hora. Esses materiais e equipamentos se referem àqueles que serão levados na excursão.

Dependendo da distância, o **meio de transporte** a ser utilizado pode variar. Em viagens longas convém alugar ônibus para evitar cansaço e fadiga, além de reduzir o custo total. Quando a caravana é composta por vários veículos pequenos, muita atenção deve ser dedicada ao estado de conservação e manutenção dos veículos, habilitação dos motoristas, distanciamento entre veículos, pontos de paradas e segurança na viagem. Devem-se prevenir ao máximo a ocorrência de imprevistos desagradáveis.

Elaborar um Plano Definitivo e Roteiro que deve reunir todas as informações

necessárias e indispensáveis sobre a excursão. Depois de elaborado, deve ser multiplicado e distribuído aos membros da comissão organizadora para que haja um nivelamento das informações e funcione conforme planejado. Deve conter também um cronograma da excursão que será também distribuído aos participantes.

Esse plano e roteiro devem conter os objetivos da excursão; o destino; o local, data e hora de partida e de retorno; duração da excursão no destino; meio de transporte e condições; distância a serem percorridas; descrição da propriedade, evento ou Instituição a ser visitada; equipamentos e materiais necessários; avisos sobre segurança e comportamento dos participantes; categoria e número de participantes; e cronograma.

Planos alternativos devem ser incluídos para em caso de imprevistos serem utilizados. Essas alternativas devem ser discutidas com o grupo, se possível antes da excursão.

Antes da execução do método, ou antes, da viagem se recomenda realizar uma **reunião preparatória** com o grupo para discutir o plano definitivo e roteiro, nivelar informações e preparar para a viagem.

Após a realização da excursão é feita uma **avaliação da excursão** e um **relatório** registrando os pontos mais relevantes observados para auxiliar o profissional de extensão na realização de futuras excursões e tomadas de decisão.

Uma discussão com o grupo de participantes em **reunião** especialmente convocada no **próprio local ou durante a viagem de regresso** dá oportunidade de se apontar os fatores de sucesso e as falhas. Essa reunião pode até mesmo ser feita após retorno, porém não se recomenda deixar passar muito tempo tendo em vista a acomodação que normalmente ocorre. A avaliação no local é mais recomendada, pois as informações estão mais recentes.

Um **relatório** complementa a avaliação, tendo em vista que nele ficam registrados os pontos discutidos e anotados. A finalidade do registro é facilitar ações futuras do extensionista em seu trabalho de assistência técnica e extensão rural. Com ele poderá planejar novas metodologias subsequentes, identificar os prováveis adotantes das práticas vistas e conhecidas na excursão, programar ações para suprirem falhas eventuais da excursão ou para comunicar sobre o que deixou de ser visto, entre outros.

Um plano de avaliação pode, por exemplo, fazer aos técnicos e aos participantes perguntas como: O planejamento de uso do tempo foi bem feito? O programa foi muito ou pouco intenso? Os objetivos propostos foram alcançados? Foi cansativa? Por que razões?

O que precisa ser melhorado em outras excursões? Houve oportunidade para que todos ouvissem as explicações e observassem o que foi mostrado? Como foi o comportamento do executor ou instrutor? O que foi agradável? O que foi desagradável? Que imprevistos aconteceram? Como evitá-los futuramente? Que dúvida sobre o (s) assunto (s) ainda persistem? Qual é sua opinião geral sobre a excursão.

2.11. DEMONSTRAÇÃO DE MÉTODO (DM)

É um método planejado, no qual o profissional de extensão procura transmitir ao grupo de pessoas com interesses comuns, técnicas ou métodos de trabalhos, desenvolvendo nos participantes destrezas e habilidades de forma que aprendam a fazer fazendo.

Este método visa o desenvolvimento de uma prática conhecida e comprovada, trabalhada de forma objetiva, pelo profissional de extensão, especialista ou agricultor preparado, especialmente para um grupo. Mas não há nenhuma inconveniência se for feita para apenas uma pessoa.

Práticas de agropecuária e de atividades não agrícolas poderão ser demonstradas ao agricultor e sua família, de forma interessante e convincente através da Demonstração de Método.

A utilização da Demonstração de Método é muito importante para o processo de aprendizagem, por oferecer oportunidades de se combinarem quatro princípios fundamentais: Ver, Ouvir, Falar e Fazer. O que as pessoas ouvem, muitas vezes duvidam. Os que ouvem e veem, podem aceitar. Os que ouvem, veem e fazem usualmente acreditam. Os que dialogam e refletem sobre o que veem, ouvem e fazem, constroem de forma crítica a partir do encontro de saberes e práticas dirigidas a uma realidade vivida, não só da prática em si, mas da vida, do dia a dia, da situação que os leva a conhecer.

Uma DM não tem o objetivo de provar o valor, importância ou mérito da prática, mas sim demonstrar na prática uma orientação técnica de determinado tema.

Objetivos:

- ✓ Demonstrar uma determinada prática passo a passo, mediante observação da sua operação e posterior execução a uma pessoa, mas preferencialmente, para um grupo de pessoas, com repetição individual da operação.

- ✓ Desenvolver conhecimentos, destrezas e habilidades.
- ✓ Promover conhecimento pessoal entre demonstrador e público.
- ✓ Facilitar a memorização e a aprendizagem.
- ✓ Estimular as atividades em grupo.
- ✓ Proporcionar oportunidade para estabelecer relações públicas.
- ✓ Estimular a reflexão, o dialogo e a troca de saberes.
- ✓

Desenvolvimento:

Nenhuma demonstração de método deve ser realizada sem planejamento. A improvisação é profundamente negativa no desenvolvimento de qualquer ação extensionista, principalmente ao lidar com métodos que usam propostas pedagógicas de ensino aprendizagem.

Para que a DM tenha êxito é imprescindível que o profissional planeje o método com foco nos objetivos e no desenvolvimento do grupo, preparando cuidadosamente todas as fases da prática que se quer ensinar de forma lógica e sequencial na exposição da prática.

É necessário que o grupo esteja predisposto a aprender a nova prática. Durante a execução da DM não há lugar para se trabalhar motivação, pois esta já deveria ter sido feita anteriormente, dentro de uma linha metodológica preestabelecida.

Para tanto, deve-se ordenar as ideias a respeito da prática. Definir quais são os passos a serem seguidos e todos os itens necessários ao desenvolvimento do método.

A partir de alguns critérios básicos como tipo de público, nível da mensagem e mudanças que se pretende no trabalho dos agricultores, o profissional verifica a **adequação do método** escolhido, para atender os objetivos traçados.

O **roteiro** é o principal item entre as providências que se tem que tomar visando o êxito do método. É um guia para o extensionista, escrito na forma que o mesmo desejar, descrevendo no seu conjunto toda a DM, numa sequência lógica. Ele é um instrumento de uso exclusivo do profissional de extensão. Torna-se necessário para todos os extensionistas do escritório, pois sua elaboração obriga ao estudo (pesquisa) e consultas a colegas a respeito do assunto da DM. Enriquece o conhecimento técnico, evita

esquecimento de partes importantes, ajuda a desenvolver o assunto dentro de uma sequência lógica e desenvolve o hábito sadio e inteligente do planejamento.

O tempo gasto na elaboração do roteiro é justificável pelo uso do plano em outras demonstrações relativas ao assunto. O tempo do extensionista, portanto é muito bem usado;

O roteiro de uma DM é composto de assunto, introdução, objetivo, justificativa, material e equipamentos, passos e pontos chaves, cuidados, resumo e tempo previsto.

Assunto – Nesse item o profissional deve colocar o nome da prática que irá desenvolver. Exemplo: coleta de amostra de solo para análise.

O assunto deve ser bem discutido e definido com o grupo. Todos precisam estar certos de que aquela prática é a mais indicada para a realização de mudanças que se propõe

A abordagem então será sobre uma prática nova a ser introduzida ou ajustamento de alguns passos de uma determinada prática que não são efetuados a contento pelos agricultores.

A sua escolha deve ser criteriosa de tal modo a despertar interesse e garantir uma boa margem de incorporação futura pelos participantes. O assunto deve ser economicamente recomendável, tecnicamente possível, socialmente desejável e ambientalmente correto.

Introdução - É o primeiro momento da DM. A presença do profissional diante do grupo foi gerada por uma necessidade dos agricultores para resolver um problema. O problema é sentido e os agricultores estão conscientes que precisam resolver esse problema. Essa consciência é fruto de uma ação participativa entre os agricultores e o profissional de extensão.

O extensionista nesta fase deve redigir sinteticamente no roteiro, descrevendo sobre o problema, suas causas e efeitos, sem muito detalhamento, apenas para que os agricultores saibam do que se trata e porque estão reunidos naquele dia. O diálogo deve ser estimulado, assim os agricultores podem se apropriar de forma mais crítica não apenas da execução da técnica em si, mas do processo como um todo.

Objetivo - deve ser dirigido de forma clara e direta. Deve-se sempre lembrar que o que importa não é o objetivo do extensionista, mas o da ação que ele irá desenvolver.

Exemplo de objetivo do extensionista: realizar uma reunião com 15 agricultores sobre coleta de amostra de solo para análises na comunidade.

Exemplo de objetivo da ação: fazer com que todos os agricultores participantes do grupo, após a DM passem a retirar corretamente a amostra de solo para análise e compreendam os motivos para aquela determinada prática.

Justificativa - A construção da justificativa responde a pergunta para que realizar a ação? Nela o profissional descreve as vantagens da técnica que está procurando introduzir em relação à utilizada tradicionalmente pelos agricultores. Se for prática nova, da mesma forma terá que descrever os benefícios que ela trará para seu trabalho.

As vantagens em favor da nova prática devem ser relevantes para que a ação dê respostas positivas no cotidiano do agricultor. É preciso lembrar que ações que objetivam mudanças poucos convincentes ou irrelevantes, o agricultor prefere não usar, ficando como está.

Material e equipamento - Relacionar os materiais e equipamentos que serão utilizados na Demonstração de Métodos. Material é tudo que é consumido durante a realização da prática. Exemplo: adubo, semente, farinha, ovos, entre outros. Equipamentos são implementos ou utensílios que são usados para a demonstração, mas que não são consumidos durante a mesma. Exemplo: arado, balde, facões, plantadeiras, dentre outros.

Neste ponto é interessante checar a funcionalidade dos equipamentos e a disponibilidade dos materiais.

Passos e pontos chaves - Relacionar em ordem de execução os passos e pontos chaves (exemplo no anexo 5) que deverão merecer atenção no decorrer da Demonstração de Métodos. Eles representam a parte mais importante do desenvolvimento do método. É o momento em que o profissional de extensão dialoga com os agricultores a respeito da técnica e sua importância, além de trabalhar as habilidades mostrando como se faz na prática, conduzindo o aprendizado de forma que os agricultores aprendam a fazer fazendo. Entende-se como passo a sucessão ordenada de operações simples que compõe uma determinada prática. Pontos chaves é todo detalhe, dentro do passo, que não pode deixar de no momento oportuno ser enfatizado, sob pena da prática não se suceder bem. Deve-se atentar para o fato de que o ponto chave não está relacionado com a forma operacional da prática, isto é não indica como se faz a prática, mas ressalta pontos importantes e que não deve ser esquecidos cada vez que se repetir a operação.

Os passos devem estar dispostos em uma sequência lógica ordenada de operações

simples. Cada passo representa uma operação. O conjunto de operações constitui a prática como um todo. Nesta fase o profissional demonstra a sequência de operações e após solicita a participação dos agricultores que também deverão executar a prática, para que aprendam, efetivamente, a fazer fazendo.

Cuidados - Após a demonstração em si, o extensionista deve alertar para os cuidados a serem observados, antes durante e depois da realização da prática.

Resumo - O resumo é uma ação rápida que o profissional realiza ao término da demonstração fazendo uma recapitulação de pontos importantes (pontos-chaves) da prática.

O resumo deve ser feito sob a forma de diálogo com os agricultores, momento em que o profissional aproveita para tirar dúvidas e avaliar se a DM e as técnicas demonstradas foram bem aproveitadas e o método teve eficácia. .

Tempo previsto - Ao planejar o seu trabalho o extensionista deve estabelecer um tempo básico para a ação que pretende executar. Normalmente é calculado de acordo com a prática a ensinar. Não deve demorar muito para não provocar cansaço, displicência e pouca assimilação por parte do grupo. O ideal será nunca exceder uma hora, com ligeiras variações. No entanto, na prática esse tempo é variável em função do interesse dos participantes para com o assunto apresentado.

Após a elaboração do roteiro, o profissional deve realizar a DM em nível de escritório, a título de **ensaio**, como se estivesse diante o grupo de agricultores. Esse é o momento para correção de falhas. Vale lembrar que todos os procedimentos deverão ser realizados com vistas a atingir o objetivo, ou seja, do alcance de um maior nível possível de aprendizagem por parte dos participantes.

O **convite** deve ser atrativo e equilibrado emocionalmente. Escrito de forma simples, com uma carga emocional suficientemente grande para despertar o interesse do produtor, a respeito do assunto. Quando existir emissora de rádio na localidade, o profissional deve fazer uso desse meio de comunicação, como complementação desta fase de planejamento. É importante, como em todos os outros métodos, envolver a comunidade, desde o diagnóstico e o planejamento da ação na programação anual do escritório, até o desenvolvimento do método em si. Assim, o convite não é algo frio, distante e deixa de ser unicamente do extensionista, passando a ser, antes de tudo, uma ação da própria comunidade, torna-se de todos para todos.

Os **recursos visuais** são importantíssimos no auxílio de uma aprendizagem mais adequada. Podem ser de qualquer tipo, contando que ajudem a complementar a demonstração melhorando o entendimento e a fixação dos ensinamentos por parte do grupo.

Essa fase de planejamento exige uma grande criatividade do profissional no sentido de facilitar a aprendizagem. É claro que o uso de visuais ao vivo é mais recomendável. Por exemplo, é preferível mostrar a própria ferramenta ao agricultor do que desenhar uma enxada.

Após a demonstração os participantes deverão receber **material informativo** a respeito do que foi apresentado. Esse resumo é de grande importância, principalmente com relação a assuntos que abordam pesos, medidas, dosagens, afim de que ao final da DM, os participantes possam receber e levar um exemplar para casa para sua utilização posterior.

Antes da execução propriamente dita o profissional deve realizar algumas ações em nível de campo como **escolher o local para realização da DM**. Deve ainda fazer uma **avaliação do nível de receptividade** de seu convite por parte dos agricultores e manter contato com o colaborador, dono da propriedade, informando e preparando sobre o evento. Nestas visitas o extensionista já deve tomar todas as providências para a **preparação do local**.

Na execução o profissional deve:

- ✓ Chegar ao local bem antes da hora marcada para o início da demonstração. Verificar se tudo está em ordem.
- ✓ Antes da fase de introdução, verificar se o grupo de agricultores se encontra confortavelmente instalado.
- ✓ Fazer a apresentação de pessoas convidadas, estranhas aos agricultores.
- ✓ Seguir o roteiro item a item, ordenadamente.
- ✓ Colocar ênfase na justificativa, tornando-a convincente.
- ✓ Apresentar o material e o equipamento a ser utilizado.
- ✓ Usar equipamento adequado, não improvisar, evitar o faz de conta.
- ✓ Preparar o material e o equipamento de acordo com a necessidade.

- ✓ Dispor o material e o equipamento de forma a propiciar uma melhor utilização.
- ✓ Dar ênfase aos passos e pontos-chaves da demonstração.
- ✓ Estar preparado técnica e psicologicamente para o desempenho da ação.
- ✓ Provocar participação ordenada dos participantes.
- ✓ Demonstrar habilidade e destreza na realização da prática. O profissional está desenvolvendo essas características nos agricultores, portanto, é fundamental que ele as possua.
- ✓ Dar cunho prático a demonstração. O agricultor é um ser essencialmente prático e objetivo nas suas realizações.
- ✓ Demonstrar entusiasmo e interesse. O estado de ânimo do demonstrador contagia o público.
- ✓ Solicitar que os agricultores realizem as práticas para verificação da eficácia da técnica e aproveitar para tirar dúvidas e dialogar.
- ✓ Aproveitar o momento para promover o diálogo entre todos.
- ✓ Responder de forma clara e objetiva as perguntas dos agricultores.
- ✓ Apresentar e fazer bom uso de visuais.
- ✓ Usar palavras simples e de uso correto. O profissional não deve envergonhar-se em falar de forma simples, mas sim em falar errado.
- ✓ Demonstrar capacidade comunicativa.
- ✓ Ter criatividade. A demonstração de hoje deve ser melhor do que a de ontem. O processo deve ser evolutivo e feito de auto-avaliação que conduzem ao aperfeiçoamento do educador.
- ✓ Fazer o grupo repetir a prática é condição básica para uma melhor aprendizagem. Fixa-se melhor a técnica quando se ouve, vê e pratica.
- ✓ Distribuir material informativo.
- ✓ Fazer resumo final, destacando pontos importantes.
- ✓ Estar alerta para o momento de encerrar a demonstração e proceder a avaliação.

2.12. DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO (DR)

A Demonstração de Resultados é um método de extensão rural destinada a mostrar, mediante exemplos práticos, a conveniência do uso de uma ou mais práticas, cuja superioridade tenha sido comprovada anteriormente pela experimentação ou, em alguns casos, por meio de unidades de observação em condições locais.

É uma forma de comprovar aos produtores (ver para crer), através de ações comparativas, que determinadas tecnologias são melhores ou mais adequadas que outras. Em outras palavras, é uma comparação de resultados que propicia aos agricultores perceber a melhor eficiência de uma ou mais técnicas desconhecidas por eles, mas comprovadas pela pesquisa nas mesmas condições edafoclimáticas ou socioambientais, sobre uma ou mais técnicas tradicionalmente usadas por eles.

Trata-se de método comparativo, isto é, sempre estabelece comparações entre a prática que se quer introduzir ou melhorar e aquela usada tradicionalmente. Por esta razão, é que a prática a ser demonstrada deve oferecer resultados indiscutivelmente superiores e facilmente visíveis pelas pessoas que acompanharão a DR.

A demonstração de resultados é um método exclusivamente educativo. Por intermédio dele não se procura descobrir novas tecnologias, porém baseia-se em informações da pesquisa para provar localmente a superioridade de técnicas. Quando convenientemente planejado e conduzido é um dos métodos de extensão mais convincentes, acelerando, desta forma, o processo de adoção.

Serve de base para outros métodos de extensão, tais como: demonstração de métodos, excursão, visita, palestra, reunião, dia-de-campo, dentre outros. Constitui-se num método ideal para as fases de avaliação e experiência na escala de adoção de tecnologias.

Este método possibilita incentivar a participação dos agricultores. Por meio dele, os agricultores podem refletir a respeito da tecnologia apresentada pelo extensionista. Quando é ela estabelecida no diálogo reflexivo permite, tanto ao agricultor quanto ao extensionista um intercâmbio para realmente chegar a novas possibilidades.

Objetivos

- ✓ Demonstrar aos agricultores que determinadas tecnologias , até então

desconhecidas por eles, apresentam vantagens comparativas de sustentabilidade (quantitativas, qualitativas e econômicas) superiores às que estão utilizando.

- ✓ Obter, localmente, junto com os agricultores, alternativas de superioridade e viabilidade de uma ou mais práticas recomendadas pela extensão.
- ✓ Introduzir práticas mais sustentáveis em relação às outras.
- ✓ Introduzir sistemas de produção mais sustentáveis.
- ✓ Estimular os agricultores a adotarem, de forma reflexiva, uma nova prática ou despertar neles o desejo de adotá-la.
- ✓ Satisfazer o desejo de “ver para crer”, muito comum entre os agricultores.
- ✓ Proporcionar maior confiança dos agricultores no profissional de extensão.
- ✓ Fornecer uma boa fonte local de informações para diversos extensionistas da região.
- ✓ Possibilitar que agricultores participem do processo de construção de soluções e alternativas para problemas.
- ✓ Possibilitar maior integração pesquisa-extensão-agricultor, pois ambos passam a fazer parte do processo e das soluções.

Desenvolvimento:

Se uma das principais finalidades da DR é incentivar os agricultores a adotarem a nova prática, de forma reflexiva e entendendo o processo não só da tecnologia em si, mas do todo em que ela se dá, torna-se indispensável, pois, que eles conheçam também a técnica que está sendo demonstrada.

Existem algumas diferenças fundamentais entre Demonstração de Método e Demonstração de Resultados. A Demonstração de Métodos (DM) visa à execução de determinada prática, procura desenvolver habilidades, enquanto a DR procura mostrar as vantagens de uma ou mais práticas de eficiência comprovada. Ambas, quando conectadas à abordagem da AAP, permitem que os agricultores não só aprendam e assimilem as técnicas e tecnologias demonstradas, como permite, principalmente, que reflitam e questionem a respeito do problema colocado.

A DR necessita de um tempo geralmente longo para a sua conclusão, podendo estender-

se por vários meses e até anos. Necessita sempre de uma parcela testemunha, que serve para comparar com a parcela tratada

O extensionista e os agricultores devem observar a unidade a fim de construir o conhecimento necessário. A DR permite uma interação profícua entre os sujeitos envolvidos, a partir de um interesse em comum. Só assim ela cumprirá verdadeiramente as suas finalidades.

Os custos relativamente elevados da DR, representados pelo tempo que o profissional deve se dedicar a elas, as despesas com as sucessivas viagens ao local da demonstração e os gastos realizados pelo produtor, entre outros, evidenciam a importância que deve ser dada ao seu planejamento, à sua execução e avaliação.

Uma DR pode ser simples, complexa ou combinada. **Simples** São aqueles que envolvem a comparação de apenas uma prática. É o tipo mais preferido pelos extensionistas, porque são facilmente entendidos pelos agricultores e os resultados geralmente não deixam dúvidas.

São **complexas** quando envolvem a comparação de mais de uma prática. Seu uso deve restringir-se a agricultores que realmente querem trabalhar sobre o assunto, pois o envolvimento de um número maior de práticas torna mais difícil a sua compreensão, tendo em vista que o resultado final é ocasionado pela ação conjunta das técnicas demonstradas. É um tipo mais indicado para a introdução de sistemas de produção, no todo ou em parte.

Combinadas são as que envolvem mais de uma técnica, mas dispostas de tal maneira que há possibilidade de compará-las isoladamente. É uma associação dos dois primeiros tipos. Também é indicada para agricultores mais avançados tecnologicamente, embora seja de mais fácil compreensão do que a complexa.

As demonstrações de resultados se aplicam bem a algumas práticas relacionadas com as culturas de ciclo curto, em que os resultados são obtidos em tempo relativamente reduzido. Com as culturas perenes e com os animais, geralmente os resultados da maioria das práticas se verificam, em um tempo relativamente longo. É mais difícil, principalmente, no que diz respeito aos animais, encontrar exemplos em que apenas uma prática isolada, produza efeitos facilmente visíveis ao agricultor. Neste caso, os profissionais de extensão se prevalecem da DR do tipo complexa que é de aplicação mais restrita.

No que se refere às práticas relacionadas com as atividades não agrícolas, como agroindústria, agroturismo, comercialização, cooperativismo, entre outras, o uso da DR é também bastante restrito, geralmente por causa das dificuldades naturais de aplicação do método para esses casos, já que necessita-se de uma testemunha. Mas é plenamente possível e recomendável sua execução, embora, provavelmente vá exigir do extensionista um esforço significativamente maior para alcançar os objetivos que se propõe, quando comparado as DR que envolvem as atividades agrícolas ou produtivas. Por esta razão, o extensionista deve ter um cuidado especial no uso deste método, usando-o somente naqueles casos que ofereçam absoluta segurança de sucesso.

Os pontos chave para uma DR são o **conhecimento da realidade** da área ou comunidade em que se pretende realizar o método e o **envolvimento e participação dos agricultores** de forma crítica e reflexiva. Sem estes dois elementos, o risco de insucesso é muito grande.

Entre as informações e a participação dos agricultores, destaca-se a importância de se observar e se refletir acerca da realidade local, como a realidade dos agricultores, suas características e seus problemas, as atividades mais importantes, considerando os aspectos econômicos e sociais, os fatores que mais influem nos problemas encontrados e o trabalho anteriormente executado por outros extensionistas.

Com essas informações, o extensionista e os agricultores envolvidos, deverão fazer uma análise reflexiva e dialógica, tratando, entre outros, os seguinte aspectos:

O **Objetivo** é o que se pretende alcançar com a DR, levando em conta que o método serve para que o agricultor, em parceria com a pesquisa e extensão, conheça e reconheça a tecnologia mais apropriada para a solução sustentável de seus problemas, podendo acarretar mudanças de comportamento,

O esquema da DR ou **Croqui de demonstração**, deverá indicar a (s) técnica (s) a ser (em) demonstrada (s), as dimensões das parcelas, além de outros pormenores julgados necessários. É muito importante que os agricultores envolvidos tomem parte na seleção do assunto, a fim de que a DR possa realmente satisfazer as suas necessidades.

As inadequadas **dimensões das parcelas** e a má disposição delas podem levar a grandes erros, que resultam em sérias distorções nos resultados das demonstrações. Isto provavelmente tem sido uma causa frequente de fracassos. O tamanho das parcelas pode variar consideravelmente, de acordo com a exploração, podendo ser de alguma

dezena de metros quadrados, como em demonstrações com horticultura, até alguns hectares, como em certos casos de bovinocultura. O importante é que a parcela deve ter um tamanho condizente com a exploração, para que os resultados obtidos possam estar mais próximos da realidade e da necessidade dos agricultores.

A DR deverá ser realizada pelo grupo de agricultores que acompanharão a DR, juntamente com o profissional de extensão. O **agricultor escolhido** deverá sentir a necessidade da DR e mostrar interesse em mostrar os resultados da prática, ser bem relacionado entre os demais agricultores, ter senso de responsabilidade, espírito experimentador e cooperativista, ser divulgador e dispor de área que reúna as condições exigidas pela DR.

O **local** da DR deve representar as características médias das propriedades dos agricultores que serão beneficiados com a DR. Deve ter facilidade de acesso, ser localizado, por exemplo, à margem das estradas de passagem obrigatória de grande número de pessoas e próximo à maioria das propriedades dos agricultores que se pretende envolver.

Outra providência indispensável à orientação do profissional responsável pela condução da DR é a elaboração do **Croqui de Localização**. O croqui deve indicar o nome do proprietário e da propriedade e a localização precisa da DR, as estradas que dão acesso, as distâncias da sede do município e dos distritos mais próximos, além de outras informações consideradas importantes.

É interessante que o agricultor faça as **Anotação das Despesas**. São dados indispensáveis à avaliação da DR havendo, portanto, necessidade de rigoroso cuidado com elas. Aqui também, como no registro dos participantes, deverão constar as informações necessárias à identificação da DR.

O profissional deve fazer dois relatórios de instalação e acompanhamento, um para o que se quer fazer a demonstração e outro para a testemunha (exemplo no anexo 6).

A **avaliação** da DR deverá abranger dois aspectos distintos: o método em si e os efeitos do método. O grupo de agricultores e o profissional deverão ao final da demonstração, fazer uma análise crítica de cada fase, tentando identificar falhas, visando aperfeiçoar o seu trabalho futuro. A avaliação dos efeitos da DR será realizada, após o seu encerramento, e deverá ser coerente com o objetivo estabelecido.

2.13. UNIDADE DEMONSTRATIVA (UD)



É um método de extensão rural que visa demonstrar localmente a superioridade de uma ou mais práticas comprovadas pela pesquisa, nas condições locais, executado por um agricultor sob a supervisão do profissional de extensão.

Método planejado no qual se desenvolve uma ou várias práticas numa atividade agrícola ou não agrícola com objetivo de permitir a observação, análise e possível adoção pelos agricultores. Trata-se de um método que trabalha com tecnologias de comprovada eficiência. Se bem instalada e conduzida serve para exercer efeitos demonstrativos de uma determinada prática ou tecnologia que se adeque as necessidades e demandas dos agricultores.

É um método muito semelhante ao da demonstração de resultados (DR), do qual difere basicamente por não prever comparação direta entre as técnicas que estão sendo demonstradas e as de uso tradicional, ou seja, não prevê uma testemunha.

Embora seja executado por um produtor (executor) é de alcance grupal, porquanto permite a associação com outros métodos, tais como demonstração de método, excursão, dia de campo, reuniões, visitas, dentre outros.

Sendo bem planejada e conduzida, convence facilmente os agricultores, já que é conduzida nas condições reais do agricultor, proporcionando uma prova visual da validade da prática indicada. Permite satisfazer o desejo do agricultor de “ver para crer”, além de aumentar a segurança do profissional nas suas recomendações.

Objetivos:

- ✓ Apresentar novas tecnologias e técnicas de acordo com as demandas e necessidades dos agricultores.
- ✓ Possibilitar a reflexão crítica e aprendizado dos agricultores e do extensionista.
- ✓ Direcionar novas demandas à pesquisa.
- ✓ Motivar e promover o diálogo entre pesquisadores, agricultores e extensionistas.
- ✓ Introduzir e difundir novas alternativas, práticas e sistemas de produção mais sustentáveis em relação às outras utilizadas.
- ✓ Comprovar a aplicabilidade das práticas recomendadas pelos extensionistas.
- ✓ Desenvolver maior confiança dos agricultores, no profissional e no serviço de extensão.
- ✓ Elevar a autoconfiança do profissional de extensão e propiciar-lhe auto-treinamento.
- ✓ Fornecer uma boa fonte local de informações para os extensionistas e pesquisadores.

Desenvolvimento:

Como no método DR, a primeira preocupação do profissional ao utilizar o método UD é envolver os agricultores, por meio do diálogo e da perspectiva da ação e aprendizagem participativa, em todas as fases do processo. Seguida esta premissa, podem ser seguidas orientações semelhantes às sugeridas para o método DR, relativas ao **planejamento** e a **execução**.

Deve-se monitorar e avaliar constantemente a UD através de formulário próprio (exemplo no Anexo 6), onde serão relatados todos os eventos ocorridos na unidade, inclusive as vezes que ela foi utilizada em conjunto com outros métodos.

2.14. UNIDADE DE OBSERVAÇÃO (UO)

É um método de investigação, fechado ao público, conduzido em uma propriedade agrícola, sob a supervisão do profissional de extensão, com a finalidade de comprovar, em condições locais, ensaios experimentais realizados em diferentes condições. Também é usada para validar tecnologias desenvolvidas em Estações ou fazendas Experimentais, em nível de campo ou em sistemas de produção praticados pelos agricultores.

Trata-se, portanto de investigações criteriosas, desenvolvidas localmente no sentido da verificação de possibilidades de adaptações de tecnologias ou explorações não tradicionais da região. No caso do Incaper, que envolve os serviços de pesquisa e extensão, é mais do que recomendável envolver o serviço de pesquisa para explorar ao máximo a confiabilidade científica das observações. Esse método se caracteriza como um dos mais indicados para se promover a articulação pesquisa-extensão tão importante para fortalecer o trabalho do extensionista.

É suporte para outros métodos de extensão. Com base nos resultados das observações e se forem confirmados positivamente, a Unidade de observação pode ser aberta ao público transformando-a em Unidade demonstrativa (UD), podendo receber excursões, realizar dia-de-campos, entre outros.

É fechado ao público, por ser um método de investigação. Como, por meio deste método, o profissional de extensão procura encontrar soluções para problemas identificados na sua área de trabalho, é natural que os resultados nem sempre sejam positivos. Daí a razão do método não prever, inicialmente, a participação de agricultores, não visando ao ensino direto.

A sua instalação, condução e avaliação são de responsabilidade exclusiva do extensionista, com o suporte e apoio do agricultor. No entanto, ele pode e deve solicitar a assessoria e o envolvimento de pesquisadores e outros extensionistas experientes nas áreas da experimentação e de metodologia científica.

É conduzida em uma propriedade que deve ter fortes conexões com o problema ou potencialidade que se quer encontrar soluções ou analisar por intermédio da UO. O proprietário será quem deverá realizar as práticas comuns da Unidade, e aquelas

intrínsecas ao método devem estar sob a supervisão direta do técnico.

As informações obtidas, mediante o desenvolvimento de uma UO. São sempre úteis, até mesmo quando evidência a inviabilidade da prática nas condições da unidade. Neste caso, o profissional não poderá indicar a prática, mas ele não indicará conscientemente porque estará respaldado em dados locais.

Para que as informações possam ser confiáveis e generalizadas devem ser instaladas unidades de observação em vários pontos da área em que ocorre o problema ou ação que se pretende observar ou solucionar. Este cuidado também irá amenizar as consequências decorrentes das eventuais perdas de uma ou outra unidade, quando ocorrerem fatores adversos incontroláveis.

Como a Unidade de Observação é um método de investigação que impõe ao extensionista rigorosos cuidados no seu planejamento, na sua instalação, na sua condução e na correta obtenção de dados, ele deve ser utilizado com bastante critério e em casos muito especiais.

Objetivos:

- ✓ Obter informações locais sobre o comportamento de explorações não tradicionais e adaptação e desempenho de tecnologias na região.
- ✓ Validar novas espécies, novas variedades vegetais, novas criações ou raças de animais.
- ✓ Verificar a aplicabilidade local de resultados de experimentos realizados em regiões diferentes.
- ✓ Desenvolver a criatividade do extensionista e do agricultor, permitindo resolver alguns problemas que estejam constituindo entraves ao desenvolvimento sócio-econômico do meio rural, fortalecendo o Programa de Extensão.
- ✓ Oferecer segurança científica ao profissional, quer sejam positivos quer negativos.
- ✓ Integrar as ações de pesquisa e de extensão

Desenvolvimento:

O Extensionista, juntamente com a família do agricultor, devem **determinar as características da UO**, quanto à prática, as dimensões, o número de parcelas por unidade, o número de unidades e os prováveis locais para a instalação. As dimensões

das parcelas devem ser determinadas de acordo com o tipo de exploração. Normalmente algumas dezenas de metros quadrados são suficientes no caso de unidade, no caso de produção agropecuária.

É preciso elaborar um **cronograma de atividades**, que deve contemplar todas as ações do que deverão ser implementadas, relativo à execução do método, e definir a metodologia a ser utilizada no trabalho, descrevendo o(s) local (is) onde serão implantadas a UO, além dos materiais e métodos utilizados, incluindo croqui de campo; e preparar registros, controles, orientações e esquema de avaliação para cada unidade.

Os **locais** para a instalação das Unidades de Observação precisam ser estrategicamente distribuídos na área em que o problema ou a potencialidade ocorre. Tais locais devem possuir as características médias da localidade e devem ser tão homogêneas entre si quanto for possível a fim de que não haja grandes variações entre os resultados finais. Ao contrário da DR e da UD, o local da UO não deve ser visitado por outros agricultores que não o executor e sua família. Para isso deve ser evitado instalar UO à margem de estradas principais ou de passagem obrigatória de grande número de pessoas.

Deverão definir também quais serão as ferramentas de **registros** e de controles (exemplo no anexo 6), considerando que elas devem permitir, ao final da UO, a perfeita **avaliação** dos resultados físicos e econômicos obtidos. Os dados de todas as unidades precisam fazer parte de um quadro de forma que permita computar a média ao longo dos anos ou ciclos de avaliações. Em muitos dos casos essa média é a referência maior do processo de análise dos resultados.

Além desta avaliação, é importante também fazer uma análise crítica das principais fases das unidades de observação. Será necessário que essa análise abranja entre outros, a correlação do assunto da UO com os problemas que ocorrem na propriedade/localidade, a escolha dos locais e dos agricultores, o tamanho das parcelas, o número de unidades instaladas, os problemas e potencialidades verificados, o acompanhamento, os registros e os resultados obtidos.

2.15. SEMINÁRIO

O seminário é uma técnica de aprendizagem planejada que inclui pesquisa, discussão e debates, sobre um tema de interesse comum, realizado por um grupo qualificado e ativo. Por ser um procedimento metodológico supõe o uso de técnicas (uma dinâmica de

grupos) para o estudo e pesquisa em grupo sobre um assunto determinado.

Ele pode assumir diversas formas, mas o objetivo se concentra na leitura, análise e interpretação de textos previamente disponibilizados sobre o assunto que se quer refletir, debater e socializar.

Objetivos:

- ✓ Fazer com que os participantes reflitam, interajam e troquem informações e cheguem a conclusões sobre o tema proposto.
- ✓ Promove a participação dialógicas e reflexiva dos participantes em torno de um assunto e/ou problema.
- ✓ Permitir o estudo e o aprofundamento de discussões sobre um tema de interesse comum do grupo, baseado em pesquisa, leitura, dados, experimentações, entre outros, em busca de objetividade nas conclusões e soluções de problemas.
- ✓ Promover nos participantes as competências necessárias para desenvolver a capacidade de investigação, de síntese, análise e crítica.
- ✓ Permitir a apresentação e a busca de informações novas.
- ✓ Incentivar à pesquisa e identifica tendências e aptidões dos participantes.

Desenvolvimento:

Como todo método de extensão, a necessidade deve sair de um diagnóstico e planejamento participativos. É necessário criar uma **comissão** para organização do seminário. Nessa comissão deve haver um coordenador geral e um secretário para a redação das ideias e sugestões que surgirem durante o planejamento e execução, é sempre importante a participação de um representante do público mais interessado no tema (no caso agricultores, pescadores, etc);

A comissão deve **planejar** todas as tarefas a serem executadas para a realização do seminário, desde decidir sobre como o tema será tratado até o final das atividades. No planejamento tem a função de definir objetivos, organizar o programa, definir público, palestrantes e relatores, fazer a mobilização, divulgação e convites, decidir amplitude (local, regional, territorial, estadual ou nacional), identificar local ideal com infraestrutura adequada, captar recursos financeiros e humanos, decidir sobre material técnico de apoio necessário, verificar a necessidade e providenciar hospedagem e alimentação;

Realizar quantas **reuniões prévias** forem necessárias para que todos os integrantes da comissão organizadora saibam de suas responsabilidades e da evolução total dos trabalhos.

Providenciar a **confecção e distribuição de documentos prévios e perguntas orientadoras** ao debate após as exposições;

Convidar para realizar as exposições especialistas ou pessoas com vivência maior sobre o tema escolhido. Para auxiliar nas discussões e na elaboração das conclusões devem ser escolhidas pessoas de interesse geral com experiência sobre o tema. Para compor a plenária podem ser convidadas também pessoas com interesse, mas sem experiência sobre o tema

A **abertura** do seminário é realizada pelo coordenador da comissão organizadora que saúda os presentes e apresenta a programação e atividades a serem desenvolvidas durante o seminário;

A **apresentação do tema** deve ser feita na plenária por no máximo 12 palestrantes ou expositores, com objetividade, por meio de técnicas de exposição oral e/ou visual, em função do tema e do tempo disponível, sem deixar de levar em conta a maior participação possível.

As **duvidas** que surgirem podem ser esclarecidas pelos expositores, mediante perguntas orais ou escritas realizadas ao fim de cada preleção. Os participantes além de fazerem perguntas, podem prestar esclarecimentos, fazer objeções e reforçar argumentos, contribuindo para o alcance dos objetivos propostos. Deve-se ficar atento a programação para que as contribuições não ultrapassem o tempo permitido, devendo ficar claro que o debate será realizado nos trabalhos de grupo.

Formar **grupos para debates**, escolhendo em cada grupo um relator e/ou coordenador para apresentar os resultados na plenária. Esses grupos devem ser formados por 10 a 15 pessoas com experiência e vivência no tema, e neles se discute as informações apresentada e outras informações disponíveis, elaborando conclusões. Essas conclusões devem ser entregues por escrito a todos os participantes do grupo e encaminhadas à plenária;

Após a **apresentação das conclusões** pelos relatores ou coordenadores dos grupos, o coordenador da comissão organizadora conduz a **avaliação** do seminário e **encerra** os trabalhos. Essa avaliação pode ser através de comentários gerais ou ficha de avaliação;

Fazer **prestação de contas e relatório do seminário**, encaminhando as conclusões às pessoas ou entidades de direito.

2.16. OFICINA

São espaços de criação, reflexão e troca de experiência entre pessoas sobre uma questão específica e de interesse comum. Entendidas como forma de produção coletiva do conhecimento, partindo-se do princípio de que todos e todas têm a aprender e a ensinar.

Objetivo:

- ✓ Discutir informações, proposições, resultados e experiências vividas, para construir ou consertar acordos.
- ✓ Estabelecer diagnósticos e planos de ação.
- ✓ Discutir o monitoramento e avaliação de processos e construção de conhecimentos.
- ✓ Possibilitar ao participante adquirir novos conhecimentos e habilidades.

Desenvolvimento:

Para realizar uma oficina precisa-se de uma **planejamento** partindo da prática social dos/das participantes, trabalho coletivo na realização da oficina propriamente dita e a volta aos participantes com as novas informações recolhidas e processadas.

Promover uma **campanha de divulgação** de acordo com a realidade.

Preparar, de preferência com algumas pessoas interessadas, especialmente agricultores que estarão presentes na oficina, o **processo e as estratégias do evento**. Deve-se atentar para o nível de escolaridade das pessoas antes de definir as técnicas, ferramentas e dinâmicas a serem utilizadas.

Preparar a **infraestrutura** necessária e escolher equipe de apoio como um facilitador, um relator e um animador.

Na execução da oficina iniciar fazendo a **apresentação** dos objetivos da oficina, dos

participantes e de suas expectativas quanto ao evento. Essa apresentação permite a integração e descontração do grupo, através do conhecimento dos participantes. É preciso deixar a proposta do encontro clara a todos os participantes: o que será discutido e porque.

Existem várias **dinâmicas** de apresentação, de motivação e de levantamento de expectativas a serem utilizadas de acordo com os objetivos da oficina, como a construção do “Quadro Coletivo”, “Árvore de expectativas”, “Teia ou Rede de pescadores”, entre outras.

Realizar **acordo de convivência** entre os participantes.

Desenvolver o conteúdo da oficina por meio de técnicas, ferramentas, dinâmicas e uso de materiais.

O facilitador deve buscar a **participação** individual e do grupo, a comunicação e a compreensão do conteúdo e das metodologias em função dos objetivos propostos, além de estimular e orientar a reflexão.

Escrever ou desenhar as sugestões identificadas. Juntar, integrar e sintetizar as contribuições, de forma a permitir uma boa visualização por parte dos participantes.

Os **conflitos** são necessários e bem vindos para o crescimento do grupo, mas devem ser tratados com cuidados especiais. Ao perceber opiniões conflitantes, incentivar a discussão, mas evitar a condução por um ou poucos indivíduos incentivando a contribuição de todos para que as discussões não se tornem cansativas, massantes, dando voltas, sem deixar que aconteça progresso nos trabalhos. O facilitador deve evitar introduzir suas próprias opiniões só para acabar com as discussões e conflitos.

Começar as discussões com aspectos menos polêmicos, mas provocativos. Se necessário podem ser construídos grupos menores de trabalho. Para cada grupo escolhe-se um coordenador e um relator. Tempestade de ideias é uma ferramenta frequentemente utilizada para incentivar as discussões.

Com todas as sugestões levantadas, **identificar prioridades**. Levantar os **encaminhamentos** ou fazer uma agenda de compromissos, legando responsáveis pela execução de cada um deles;

Ao final fazer uma **avaliação** da oficina para saber se os objetivos pretendidos foram

alcançados. É interessante avaliar também sobre o conteúdo, metodologias, programação, participação, perfil dos participantes e representatividade. Pode ser feita por manifestações orais ou escritas, utilizando questionários, tabelas ou desenhos.

Elaborar um **relatório** da oficina incluindo fotos e a avaliação feita pelos participantes, com observações e recomendações.

2.17. DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO- DRP

Diagnóstico Rural Participativo (DRP) são técnicas e ferramentas para o conhecimento e análise da realidade local, de acordo com a percepção de cada um dos participantes. Auxilia na construção e consolidação do planejamento. Portanto, não significa somente um simples levantamento de informações ou geração de ideias, feito de uma única vez.

O DRP facilita a participação de todos os integrantes do grupo, respeita as diferentes percepções, sabedoria e a cultura individual e coletiva. Em última instância o DRP é um processo educativo não formal que possibilita o empoderamento dos agricultores, levando à auto gestão e emancipação por meio de técnicas e ferramentas que motivam e promovem a participação.

Objetivo:

- ✓ Obter o máximo de informações relevantes sobre um determinado recorte da realidade,
- ✓ Propiciar um processo de reflexão coletiva sobre os fatores que influenciam o grupo.
- ✓ Desencadear processos de auto gestão , possibilitando a construção de planejamentos de ações mais consistente.
- ✓ Promover mudanças e transformar os participantes em analistas, planejadores e organizadores ativos.
- ✓ Servir de fórum para criar e compartilhar conhecimento.

Tipos de DRP

Como já foi discutido no capítulo anterior, a proposta da AAP é que o DRP não seja um instrumento apenas de diagnóstico e planejamento. É mais abrangente, pois focaliza a participação dos atores em todas as etapas de um projeto, desde o diagnóstico, passando pela implementação, até a fase de monitoramento.

Pode ser de três tipos: geral, focal ou de planejamento de acordo com o que se pretende investigar.

É considerado do tipo **geral** quando aborda temas amplos como, por exemplo, o desenvolvimento sustentável, podendo ser os mapas da comunidade e histórico, diagrama de Venn, leitura de paisagem ou caminhadas.

Pode ser do tipo **focal** quando se quer informações sobre temas específicos ou alguns aspectos particulares. Neste caso têm-se os mapas focais de produção como o mapa da propriedade e o calendário sazonal; focais de gênero como o mapa de movimento dos homens ou das mulheres.

Pode ainda ser do tipo **planejamento** como a árvore de problemas, fofa e matriz de priorização.

O DRP facilita a participação de todos os integrantes do grupo, respeita as diferentes percepções, sabedoria e a cultura individual e coletiva. Possibilita não só ao extensionista conhecer a realidade da comunidade, mas é antes de tudo um método reflexivo, participativo que permite aos próprios agricultores o questionamento da sua realidade. Em última instância, quando bem aplicado, o resultado de um DRP deve ser útil para a comunidade, para ela refletir sobre as alternativas de desenvolvimento, seus rumos, necessidades, potencialidades, problemas.

Desenvolvimento:

Para a realização do diagnóstico ou DRP, em primeiro lugar é preciso **definir muito bem qual o objetivo** a que se propõe, porque esta finalidade vai determinar quem serão os participantes potenciais a serem convidados e quais as informações necessárias.

Quando realizado por uma **equipe multidisciplinar**, capacitada para o uso das técnicas, tem maiores chances de sucesso. A equipe mediadora deve garantir que os participantes se apropriem da maior parte ou da totalidade das informações, da elaboração de mapas, diagramação, priorização e planejamento, para que eles possam ser os donos, executores e gerentes dos resultados. Para isso, deve assegurar a participação de

diferentes visões, levando em conta questões de gênero, geração, situação econômica, social e etnia.

O facilitador deve manter sempre a **postura investigativa e problematizadora**, evitando perguntas que conduzam os participantes para uma determinada resposta e que a informação oferecida por todos esteja incluída na análise das propostas. Sempre mostrar aos participantes o que foi anotado a partir das falas dos participantes para ver se estão de acordo e fixar a informação em local que permita a visualização de todos. Evitar o uso da palavra falta, já que a mesma pressupõe inexistência total e as vezes o que se quer dizer é que determinada coisa existe, mas é insuficiente, deficiente ou ineficiente.

Em caso de **opiniões conflitantes**, o facilitador deve registrar e incentivar a análise sem fazer correções que não tenham sido propostas pelo grupo, buscando o entendimento, acordo ou consenso. Deve falar menos e escutar mais. Ser criativo e realizar as técnicas sem pressa, buscando o máximo de participação possível nas discussões e análises, mas evitando que as discussões deem voltas.

Sempre tem que ser apresentado ao grupo participante o **resultado final do trabalho**, havendo a necessidade de constante retorno para monitoramento e avaliação das propostas apresentadas.

DRP não é um conjunto de **técnicas ou ferramentas isoladas**, estanques. Essas técnicas devem ser usadas de acordo com o objetivo a ser alcançado, de forma flexível e criativa. Combinar diferentes técnicas ou ferramentas durante a aplicação do DRP enriquece e aumenta a confiabilidade das informações.

Cada técnica ou ferramenta tem **usos e procedimentos específicos**, mas todas elas são instrumentos de investigação da realidade passada, atual ou futura. A definição das técnicas a serem utilizadas é decorrente das condições e dos objetivos de um trabalho.

Aqui apresentaremos algumas ferramentas utilizadas pelos agentes de desenvolvimento do Incaper em DRP como Tempestade de Ideias, Linha do Tempo, Muro de lamentações, Mapas, Caminhadas ou Travessia, Calendário Sazonal, Arvore de Problemas, Matriz de Priorização, Leitura de Paisagem, Fofa e Diagrama de Venn. Existem muitas outras e a bibliografia é vasta e de fácil acesso.

2.17.1. Tempestade de Ideias

É uma técnica que possibilita, num curto período de tempo, o aparecimento de um grande número de ideias ou soluções de grupo para determinado tema.

Objetivos:

- ✓ Captar o máximo de ideias expostas abertamente pelos participantes
- ✓ Potencializar a participação, a criatividade e a reflexão, liberando a imaginação para a geração de mais ideias.
- ✓ Possibilitar que as ideias de todos sejam consideradas e promovendo a integração e interação do grupo.
- ✓ Servir para a identificação de problemas, causas e consequências em um DRP, quando existir a necessidade de maior desdobramento, informações e esclarecimento dos problemas detectados, de qualquer tema e tipos de público.

Desenvolvimento:

Inicialmente, define-se o **tema de interesse** e se estabelece, como ponto de partida das reflexões, uma **pergunta chave** que incentive o fornecimento do máximo de informações pertinentes.

O grupo deve ser composto de pessoas que podem contribuir para o tema em questão. Pode eleger um **facilitador** que conduzirá a técnica, anotando as ideias, coordenando a fala dos participantes e motivando-os. Este facilitador também pode ser escolhido previamente.

O facilitador deve **explicar o objetivo** da ferramenta e expor o problema, convidando todos a **apresentarem suas ideias** de forma ordenada, garantindo o **respeito** às sugestões e a criatividade de todos os participantes.

O facilitador deve estar atento para não perder nenhuma ideia lançada pelo grupo, uma vez que na tempestade de ideia nenhuma proposição a princípio deve ser desprezada.

Ao final devem-se consolidar as ideias semelhantes e discuti-las, levantando sugestões e

encaminhamentos.

Para melhor aproveitamento desta ferramenta é necessário a utilização de algum **recurso visual** para que sejam registradas pelo facilitador, as ideias expressas pelo grupo.

2.17.2. Linha do Tempo

É uma técnica onde o que move a discussão é o tempo, os fatos ocorridos, os ciclos históricos, que marcam determinados aspectos da realidade.

A história de um grupo ou da evolução de um problema pode facilitar sua compreensão e dar pista de como superá-lo, já que em muitos casos, sua origem se encontra no passado.

Pode ser usada para resgatar a história de uma comunidade, família, bairro, região, rio, grupo produtivo, entre outros.

Objetivos:

- ✓ Permitir um resgate histórico fazendo com que na sua construção os participantes conheçam, compreendam e ordenem as suas histórias de vida, criando laços de pertencimento e de identidade com os demais participantes.
- ✓ Ressaltar a riqueza histórica, muitas vezes negligenciada nos diagnósticos.
- ✓ Possibilitar a reflexão acerca de problemas contemporâneos e possíveis soluções.
- ✓ Promover reflexão sobre os fatos históricos marcantes que influenciam a conjuntura atual.

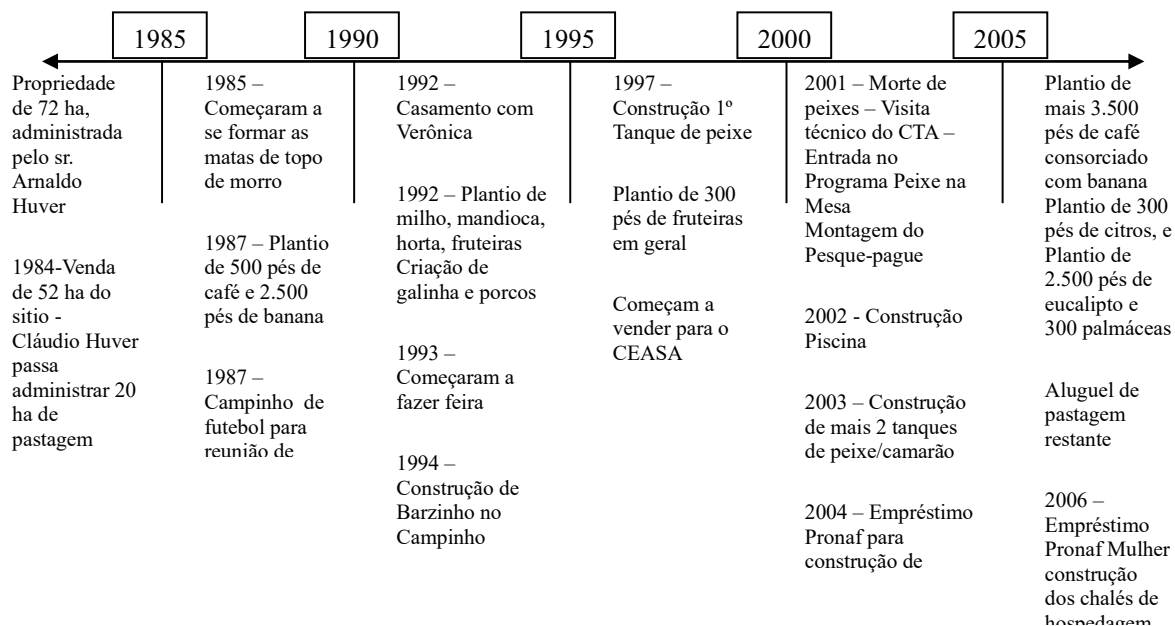
Desenvolvimento:

O facilitador deve explicar o que se espera obter com a técnica e como se dará sua construção, deixando o grupo bem a vontade para decidir qual período tem relevância para o tema proposto. Depois deverá riscar uma **linha horizontal** ou **eixo do tempo**, destacando nela, de forma crescente, divisões que representam **vários períodos**, dentro do tempo que se quer analisar.

A partir daí, os participantes contarão e refletirão a história, colocando **fatos e acontecimentos relevantes**, dentro de cada período de tempo traçado, que tenham relação com a realidade atual.

A linha do Tempo pode ser bem conduzida praticamente em qualquer lugar, ao ar livre ou

em ambientes fechados, desde que tenha condições de **visualização** por parte dos participantes, podendo ser feita no chão, no quadro, na parede, em papel, etc.



2.17.3. Muro de Lamentações

É uma técnica que permite a expressão, visualização e organização do pensamento coletivo, que são dispostos sequencialmente numa espécie de muro, visando um planejamento futuro.

Nesse muro os participantes colocarão os maiores desafios atuais de uma comunidade ou grupo que precisam ser avaliados e solucionados para garantir a realização dos sonhos coletivos.

Sua denominação baseia-se no Muro das Lamentações que é a única parede que restou do templo de Herodes em Jerusalém, onde os judeus voltavam para rezar e se lamentar do seu exílio. Atualmente, nos vãos das pedras do Muro, as pessoas colocam bilhetinhos com seus sofrimentos e sonhos.

Objetivos:

- ✓ Levantar todo tipo de informações relacionadas com os problemas sociais, econômicos e ambientais, que precisam de conserto.
- ✓ Resgatar o sentimento de pertencimento, intensificando as relações interpessoais.

Desenvolvimento:

O facilitador deve preparar com antecedência **tijolinhos de papel**. Cada problema deve ser escrito em um tijolinho diferente pelos participantes, utilizando a técnica Tempestade de Ideias.

Os tijolos são apresentados a todos os participantes e depois **colados** na parede ou painel **formando um muro**.

Após o muro estar construído, o facilitador deve incentivar a **análise** de todos os tijolos e do muro como um todo, buscando opções para um **planejamento de ações** que vise minimizar ou solucionar os problemas descritos.

2.17.4. Mapa Falado

Consiste em uma representação gráfica de componentes de um determinado espaço em análise, de acordo com a percepção de um grupo.

É preciso ter um objetivo claro ao pensar na construção do mapa, pois este objetivo determinará o tipo, quantidade e a amplitude do mesmo, já que o mapa pode variar de escala, de função ou no tempo.

A realidade pode ser retratada em um único mapa ou em vários mapas de diferentes temáticas. Dependendo do número de participantes podem ser divididos subgrupos que trabalhem mapas distintos, com o mesmo tema ou temas diferentes. Mas, posteriormente os mapas têm que ser apresentados e discutidos no grupo que tem a totalidade dos participantes.

Varia de **escala** porque pode abordar por exemplo o espaço de uma propriedade, comunidade, território ou município. Quando elaborado para propriedade rural pode retratar elementos como as culturas, divisas, recursos naturais, estradas internas e benfeitorias.

Pode variar de **função**, servindo para analisar questões ambientais, sociais ou econômicas. Existe uma grande variedade de mapas como os mapas de recursos naturais, mapas sociais, mapas da produção e comercialização, mapas de relações sociais, mapas de utilização do solo, mapas de chuvas, mapas de adequação ambiental, mapas de áreas de risco, mapas de estratificação ou zoneamento de ambientes, mapa de movimento de homens ou das mulheres, mapa de fluxo, entre outros.

O mapa pode servir para analisar a **evolução histórica e identificação de cenários futuros**. Permite avaliar uma realidade no presente, lembrando de como era no passado e fazendo uma projeção de como estará no futuro se nenhuma intervenção for feita ou identificar sonhos e projetos, individuais e coletivos.

Fazer um retrocesso ao passado pode ajudar a determinar as causas do problema ou quando um determinado problema existente no presente começou e fazer uma projeção do futuro.

Pode também auxiliar no **planejamento das ações** necessárias para resolver ou minimizar o referido problema. Para isso, a comunidade, a família, ou grupo de participantes devem fazer três mapas de um mesmo espaço retratando em um o passado, outro o presente e outro o futuro.

Objetivos:

- ✓ Coletar informações através da visão espacial que os participantes têm de determinado local.
- ✓ Permitir a ampliação do conhecimento coletivo do espaço, e através desse conhecimento criar proposições de mudanças na sua realidade.
- ✓ Servir para documentar, analisar e facilitar a discussão sobre diversos aspectos da realidade de forma ampla, principalmente como técnica exploratória, no início de um diagnóstico.
- ✓ Estimular a análise crítica e construção coletiva sobre o uso do solo, forma de relação com a natureza, relação com os vizinhos, forma de produção, uso de agrotóxicos, recursos hídricos, etc.

Desenvolvimento:

Após a apresentação da metodologia e objetivos da construção do(s) mapa(s), o facilitador deve pedir aos participantes que representem elementos dentro do espaço determinado de acordo com suas percepções.

Deixar que comecem por onde quiserem, mas a cada novo elemento que for acrescentado, deve-se incentivar que o grupo mostre o conhecimento que tem a respeito.

É fundamental que existam uma ou mais pessoas que tenham a única função de **anotar as informações** expressadas verbalmente durante o processo de construção do mapa.

Essas informações muitas vezes são mais importantes que o resultado final do mapa em si.

Indiretamente pode-se captar, por exemplo, como o grupo percebe o que lhes proporciona bem estar ou a escala valores que são atribuídos a determinados aspectos da realidade.

Os **elementos do espaço em análise** que forem destacados e debatidos pelos participantes, assim como rios, cultivos, matas, casas, benfeitorias, escolas e fábricas, serão representados no mapa através de materiais disponibilizado pela equipe facilitadora, como papeis coloridas, tarjetas, folhas, galhos, pedras, pincéis, entre outros. Não deve esquecer-se de fazer uma legenda para o sentido de cada material (por exemplo: Rio = Papel Azul)

Esses materiais devem **permitir mobilidade** para que mudanças possam ser feitas a qualquer momento pelos participantes sem prejuízo para a visualização e compreensão do mapa. Ou seja, o mapa deve ser mantido claro e limpo sem rasuras para manter a atenção dos participantes.

Pode ser construído no chão, na parede, no painel ou em papel, desde que **permita a visualização** de todos os participantes.

Elaborado o mapa, o grupo deve continuar as discussões sobre o **resultado final** que visualizam. Fazer o **registro** desse mapa e a **sistematização** das informações coletadas e todo o processo de elaboração, o que poderá servir para o planejamento de ações ou posteriores análises.

Depois é interessante **guardar** esse mapa para futuras análises e, se não for possível guardar, pelo menos para fazer o registro da imagem, através de fotografia.

2.17.5. Travessia ou Caminhadas

Consiste em percorrer um determinado percurso junto a informantes-chaves, conversando, observando, questionando e registrando informações sobre aspectos importantes do local.

Objetivos:

- ✓ Fazer um reconhecimento da área a ser percorrida, levantando interrogações e interpretando o que está sendo visto, promovendo um aprendizado coletivo.

- ✓ Auxiliar em pesquisa participativa especialmente na fase de diagnóstico.
- ✓ Servir de instrumento de planejamento da propriedade, pois fornece uma noção da totalidade de seus recursos.
- ✓ Permite uma visão mais sistêmica da propriedade, além de percebê-la a partir do olhar do agricultor e sua família.

Desenvolvimento:

Formar o **grupo de participantes**, explicar o **objetivo** e os **elementos** da caminhada;

Definir e construir um **mapa**, um **croqui do percurso** e um **roteiro** de pontos a serem observados, de acordo com as necessidades de informações percebidas. Esse material deve ser distribuído aos participantes para acompanhamento e anotações.

Juntamente com a família do proprietário e/ou grupo de interesse, faz-se a **caminhada** identificando aspectos como tipos e uso do solo, benfeitorias, espaços livres, moradias, matas, diversidade, divisas, topografia, entre outros, captando a **percepção** da família e do grupo quanto aos recursos existentes e seus usos, identificando problemas e buscando soluções;

O **registro** das informações sobre o percurso pode ser feito através de anotações, desenhos, esquemas, fotos e vídeos.

Terminado o levantamento sobre o percurso é importante a **construção** de um diagrama, para **visualização** das informações obtidas. Sobre uma folha de papel grande, painel ou parede, mostra-se, por exemplo, o uso da terra com os diferentes sistemas encontrados e a denominação dada pelos próprios participantes.

2.17.6. Calendário Sazonal

Calendários são esquemas gráficos que permitem visualizar, analisar e compreender as diferenças temporais que marcam determinados aspectos significativos da realidade. Podemos ter vários tipos, como os Calendários Agrícolas, de atividades e Sazonal.

O Calendário Sazonal consiste na construção, junto aos entrevistados, de um esquema onde se representa a existência, o grau de intensidade e a interação entre ciclos naturais sazonais.

Objetivos:

- ✓ Analisar, visualizar e compreender as variações temporais das demandas ou ameaças importantes para o grupo, como as atividades agrícolas, os festivais, as chuvas e secas, as doenças, disponibilidade de recursos financeiros, humanos ou naturais, entre outros.
- ✓ Permitir o planejamento de ações e facilitam a implementação de projetos e programas junto aos agricultores, de forma a não conflitar com as demais atividades da propriedade ou da comunidade, identificando os pico de demanda e as épocas em que existe menor necessidade de insumos, sejam eles materiais ou humanos .
- ✓ Realizar o planejamento da produção agrícola, contratação de mão de obra, distribuição de atividades entre homens, mulheres e jovens, comercialização, conservação de estradas, irrigação, entre outras, nas propriedades, organizações rurais, assentamentos ou comunidades.
- ✓ Estimular a análise reflexiva sobre práticas tão comuns que não são comumente debatidas.

Desenvolvimento:

Quanto maior a diversidade e a valorização de funções, gênero e geração entre os participantes, mais completo será o calendário, já que um participante complementa as informações do outro.

O calendário pode ser construído em **qualquer ambiente**, e utilizando **qualquer tipo de material**, sejam tarjetas, folhas, pedras, quadro, cartolinas, entre outros.

Após a **apresentação da ferramenta e objetivos**, inicia-se a construção do calendário pedindo que os participantes definam o **período de tempo** que será analisado e faça um **eixo horizontal** de tempo, preferencialmente em meses. Não é relevante que comece sempre por janeiro.

O **eixo vertical** será construído pelos ciclos naturais, eventos ou aspectos de interesse do tema e do grupo.

Para cada item forma-se uma **linha** na “tabela” e preenche-se esta linha de acordo com a intensidade de ocorrência de acordo com o tempo proposto no eixo horizontal.

Após a construção do calendário estimular a **análise** do grupo para a percepção das relações e interações existentes entre os itens trabalhados, para a realização de um planejamento de atividades sobre as demandas ou ameaças verificadas ou descobertas.

2.17.7. Árvore de Problemas

É uma ferramenta que permite desenvolver ideias criativas para a identificação de um problema central, buscando sua causa raiz e as consequências que ele acarreta. Ao criar e estruturar uma árvore, os problemas aparecem na sua verdadeira dimensão e importância, sendo então possível tomar medidas para a sua resolução.

Objetivo:

- ✓ Identificar, qualificar e dimensionar os problemas e, seguidamente, atribuir-lhes relações de causalidade.
- ✓ Identificar problemas, causas e consequências em um DRP, principalmente quando existir a necessidade de maiores esclarecimentos, desdobramentos e aprofundamento sobre os problemas detectados, de qualquer tema e tipos de público.

Desenvolvimento:

Antes de iniciar o procedimento de construção da “Árvore de Problemas” tem fazer um **levantamento dos problemas** e colocá-los em cartões que serão espalhados em um quadro ou parede, o que nos permite mudar os problemas de posição, no decorrer da construção da árvore.

Esse esquema formado permite identificar as diferentes perspectivas e linhas de raciocínio, tendo em conta o consenso e interesse comum. Nessa etapa tem de haver **participação ativa** dos elementos que conhecem o cotidiano do contexto da intervenção e também troca de saberes.

Os problemas raramente aparecem de forma isolada. As relações de **causa-efeito** estabelecem, com frequência, ligações entre eles e constituem um sistema que pode ser apresentado como um **diagrama em forma de árvore**, que tem um tronco, raízes e uma copa.

O tronco é o **problema central**, as raízes são as suas **causas** e a copa os seus **efeitos ou consequências**.

A importância dos problemas varia. E o problema central é aquele que resulta da existência de todos os outros.

Depois, olhando os outros problemas detectados anteriormente, verifica-se quais deles contribuem para a existência do problema Central. Isto é, procuramos pelas **causas**. Serão estes problemas que primeiramente deverão sofrer intervenção já que são a raiz de todos os outros.

Finalmente, devemos procurar aqueles problemas que são originados pelo problema central, ou que são **consequências** diretas da existência do problema central.

2.17.8. Matriz de Priorização

É uma técnica de apoio para organizar a percepção do grupo em relação à intensidade dos problemas e potencialidades, e urgência das ações a serem desenvolvidas.

Objetivos:

- ✓ Selecionar e hierarquizar várias alternativas de acordo com diferentes critérios que determinam a ordem de importância, valor, desejo ou preferência expressa na visão do grupo.
- ✓ Priorizar a ação em todas as questões demandadas, muitas vezes por limitações de recursos humanos e financeiros.
- ✓ Promover o aprendizado do grupo, podendo causar possíveis retificações ou reformulações das propostas de ações para que se tornem mais consistentes e de maior eficácia.
- ✓ Facilitar o envolvimento dos participantes na tomada de decisões, estabelecer um diálogo informal, participativo e incluyente.

Desenvolvimento:

O facilitador deve **apresentar e esclarecer** a metodologia e seu **objetivo** para os participantes. Depois, junto aos participantes **traçar a matriz** a partir dos problemas ou

demandas levantadas durante a fase do diagnóstico.

Pode-se realizar a priorização **diretamente**, com **escalas de valores** ou **entre pares**. A opção de maior prioridade será sempre aquela que for escolhida ou votada a maior quantidade de vezes.

As matrizes podem ser construídas, na parede, em quadros, papéis, painéis. Podem ser usados símbolos, sementes, galhos, folhas, pedras, canetas ou pinceis para marcar a opção desejada em vez de letras ou palavras, especialmente existem alfabetos entre os participantes.

Matriz de Priorização Simples

Para construir a matriz de Priorização Simples é necessário **listar os problemas** ou as demandas em uma coluna, onde cada problema ocupa uma linha.

Depois acrescentar mais duas colunas na frente das opções. Em uma dessas colunas na frente de cada problema ou demanda os participantes iram marcar a opção que achar mais importante. Se o grupo for pequeno pode-se pedir aos participantes que votem em três opções.

Na outra coluna, após a apuração dos votos, se fará a classificação das prioridades, sendo que quanto mais votado um item maior prioridade terá.

Problema	Votação	Prioridade
Escassez de Água	xxxxxxxxx	1º
Erosão no Solo	xxxx	4º
Produtividade Baixa do Café	xxxxxx	2º
Estradas mal conservadas	xxxxx	3º

Matriz de Priorização por Escala de Valores

Essa matriz tem quatro colunas, sendo que na primeira, deverão ser listados, um item em cada linha, os problemas ou as demandas levantados no diagnóstico.

A segunda coluna será para os participantes registrarem seus votos de acordo com uma escala de valores (nota ou pontos) que deverá ser acordada entre os participantes. Uma alternativa para a priorização das opções de acordo com cada alternativa é a pontuação. Por Exemplo: Dar nota de prioridade de 01 a 10 em uma escala; 10 pontos = A=Alta Prioridade, 05 pontos =M=Média Prioridade e 03 pontos=B=Baixa Prioridade.

Na outra coluna se fará à apuração dos votos de cada opção e na última a classificação das prioridades.

Problema	Votação	Apuração	Prioridade
Escassez de Água	A A A A M A	10+10+10+10+10+05+10=65	1º
Erosão no Solo	A M A B B B M	10+5+10+3+3+3+5=39	4º
Produtividade Baixa do Café	A A A M A M B	10+10+10+5+10+03=48	2º
Estradas mal conservadas	M A A A B B B	5+10+10+10+03+03+3=44	3º

Matriz de Priorização entre Pares

Montar uma matriz quadrada organizando a lista de problemas ou demandas, na mesma sequência, em linhas e colunas. Em geral, essa lista não deve exceder umas 6 ou 7 opções para não ficar cansativo e de difícil comparação.

Depois comparar cada alternativa entre si e determinar a preferência entre elas. Começa-se comparando a prioridade do 1º item da coluna com o 2º item da linha. É importante não somente voltar, mas discutir o porquê de cada alternativa. Algumas perguntas ajudam no processo de escolha, como: Qual é a mais importante?, O que é que tem de bom na opção? Qual opção vai causar mais impacto?, entre outras.

No cruzamento entre as duas células colocar a alternativa escolhida. A prioridade é maior de acordo com o maior número de vezes que o item aparecer no final da construção da Matriz.

	Escassez de Água	Erosão no Solo	Produtividade Baixa do Café	Estradas mal conservadas
Escassez de Água		Escassez de Água	Escassez de Água	Escassez de Água
Erosão no Solo			Produtividade Baixa do Café	Erosão no Solo
Produtividade Baixa do Café				Produtividade Baixa do Café
Estradas mal conservadas				

Priorização: 1º - Escassez de água (3) – 2º - Produtividade Baixa do Café (2) – 3º - Erosão do Solo (1) – 4º Estradas mal conservadas (0).

2.17.9. Leitura de Paisagem

Consiste de um diagnóstico da realidade através da observação, conhecimento e interpretação da paisagem de determinado local. A leitura da paisagem pode ser feita em uma propriedade, comunidade ou mesmo município.

Objetivos:

- ✓ Verificar e caracterizar as homogeneidades e as heterogeneidades existentes, estimulando o envolvimento dos participantes na elaboração de hipóteses que as expliquem.
- ✓ Oferecer informações indispensáveis sobre uma localidade nos aspectos sociais, ambientais e econômicos, como, por exemplo, as diversas formas de exploração do solo, práticas agrícolas, ecossistemas, infraestruturas, estratégias econômicas, entre outras.
- ✓ Incentivar junto aos participantes o questionamento da existência dessa paisagem e a formulação de proposta de ações e/ou intervenções.

Desenvolvimento:

Pode ser realizado de maneira direta, observando a paisagem de um lugar ou por meio de fotografias, vídeos, relatos.

O roteiro, local, percurso ou trecho a ser analisado deve ser definido com antecedência. Assim como o objetivo dessa leitura de paisagem, já que esse objetivo determinará os pontos a serem observados.

Quanto maior a diversidade entre os participantes melhor será a leitura, pois é uma técnica que permite que cada um insira o “olhar” de acordo com seu conhecimento específico.

Dentre os participantes devem ser escolhidos relatores, que terão o papel de anotar as contribuições dos outros participantes sobre cada aspecto observado.

Depois de ter percorrido o roteiro estipulado e concluídas as anotações, os participantes deverão organizar as informações e apresentá-las para o debate e planejamento.

O produto final da leitura pode ser um planejamento e/ou um zoneamento agroecológico, compostos de mapas, croquis, caracterização inicial, hipóteses preliminares e propostas de ações futuras.

2.17.10. FOFA

A FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) é uma Matriz de análise de

ambiente para tomada de decisão ou planejamento. Pode ser utilizada para a realização de diagnósticos participativos, com a finalidade de elaboração de planos de ação, para qualquer tema e tipos de grupo, principalmente associações, cooperativas e comunidades.

Objetivos:

- ✓ Efetuar uma síntese das análises internas e externas do meio, de forma participativa e integrada, identificando elementos chaves.
- ✓ Obter um diagnóstico rápido de determinada situação que orientará a criação de estratégias e o estabelecimento de linhas de ação e/ou gestão.

Desenvolvimento:

Para a elaboração da FOFA deve-se reunir um **grupo de pessoas** com interesse no tema proposto e escolher um facilitador que tenha domínio sobre a ferramenta.

O facilitador inicia a atividade explicando a ferramenta e seus objetivos, deixando claro quem é que está planejando e qual o ambiente a ser analisado.

A seguir, utilizando a ferramenta Tempestade de Ideias, pede aos participantes que identifiquem os **Pontos Positivos e Negativos** (Fortes e Fracos) que interferem no ambiente que se está analisando, perguntando, por exemplo, “Quais os Pontos Positivos e Negativos para a Comunidade Quilombola de Santa Leopoldina?”.

Após essa etapa o facilitador deverá, junto com os participantes, classificar esses Pontos em internos e externos.

Os **Fatores Internos** são denominados como **Fortalezas** e **Fraquezas**. São aqueles fatores controláveis por aqueles que estão planejando, estando sob sua responsabilidade, uma vez que ele é resultado das estratégias de atuação definidas pelos próprios planejadores. Desta forma, deve-se ressaltar ao máximo os pontos fortes e agir para controlar ou, pelo menos, minimizar os efeitos dos pontos fracos.

Os **Fatores Externos** são classificados como **Oportunidades** e **Ameaças**. São aqueles decorrentes do ambiente ou de outros atores sociais, fora do controle e da

responsabilidade de quem planeja. É importante conhecê-los e monitorá-los com frequência de forma a aproveitar ou tirar vantagem das oportunidades e evitar ou minimizar as ameaças.

É necessário compreender a diferença entre fatores internos e externos, pois todo diagnóstico objetiva um bom planejamento, e fatores internos podem ser fortalecidos ou eliminados e fatores externos podem ser aproveitados ou evitados. Essa confusão é bastante comum e pode causar um debate longo e cansativo sobre fatores equivocadamente classificados como externos quando internos e vice-versa.

O facilitador mediará o debate e o ideal é que as discordâncias sejam resolvidas pelos próprios participantes. Neste momento é possível esclarecer dúvidas, clarear ou duplicar ideias, sempre com a participação ativa do grupo.

Para fácil **visualização** dos participantes, essa identificação deve ser realizada numa matriz dividida em quatro partes. Após a montagem do painel nomear cada um dos quadrantes.

A utilização de tarjetas facilita, democratiza e democratiza o trabalho de montagem da Matriz da FOFA, principalmente se forem usadas duas cores diferentes, uma para pontos Positivos e outra para Pontos Negativos.

Se houver divisão da plenária em sub-grupos, terminado o tempo de análise, inicia-se as apresentações de cada grupo e um debate sobre os resultados dos trabalhos.

Concluída a FOFA, deve-se então preparar o Plano de Ação com propostas que incidirão sobre os fatores identificados.

	PONTOS POSITIVOS/ FORTES	PONTOS NEGATIVOS/ FRACOS
FATORES INTERNOS	FORTALEZAS	FRAQUEZAS
	USE!	ELIMINE!
FATORES EXTERNOS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

	APROVEITE!	EVITE!
--	------------	--------

2.17.11. Diagrama de Venn

É uma técnica originária da matemática de conjuntos, que permite obter uma visão geral das relações entre organizações e grupos sociais. Consiste num diagrama que represente os grupos sociais existentes, determinando sua importância, presença e atuação na localidade, através de círculos diferenciados.

Tem potencial bem interessante, porém, é complexa e exige da moderação, bom domínio e habilidade.

Objetivos:

- ✓ Permitir aos participantes (comunidade, organização rural, grupo social, entre outros) visualizarem suas relações com diferentes agentes sociais, grupos formais ou informais, instituições, programas.
- ✓ Discutir os problemas e as oportunidades que existem a partir dessas visualizações.
- ✓ Avaliar a eficiência e planejar formas de articulação, alianças e fortalecimento de parcerias.

Desenvolvimento:

O facilitador deve preparar com antecedência alguns **círculos de tamanhos diferentes**, mas, também, deverá dispor de material como papel e tesoura, para que possam ser feitos novos círculos se necessário.

Após a explicação da técnica e dos objetivos o facilitador solicita aos participantes que digam quais grupos, instituições ou programas existem na sua realidade. O **maior círculo** representará os participantes que estão fazendo a análise.

Cada um dos outros grupos identificados deverão ser representados em um círculo próprio, seja com palavras e/ou desenhos. Esses círculos terão tamanhos diferenciados de acordo com a importância dada a cada grupo. Quanto maior sua importância, maior o círculo.

Para concluir o diagrama posiciona-se o maior círculo referente aos participantes no centro do papel, parede, painel ou chão e os outros círculos deverão ser posicionados de forma que a distância (ou a sobreposição) entre eles represente a intensidade da relação, atuação, influência ou presença entre os respectivos grupos.

Se estes têm grande influência, são parceiros ou colaboradores, estarão próximos, podendo até se sobrepor um ao outro, parcial ou integralmente. Caso contrário, quanto menor as relações, maior a distância entre eles.

Com a evolução da discussão esse posicionamento poderá mudar até que o grupo chegue a um consenso.

Utilizar tiras de papel para a visualização das inter-relações pode facilitar a compreensão.

A elaboração é feita com intensa discussão e num processo iterativo de desenho e redesenho dos círculos.

Ao final, o grupo terá construído um desenho que reflete, sob sua leitura, as relações que os sustentam, seus pontos fortes e fracos e os interesses que estão em jogo, lançando um novo olhar sobre a realidade.

Pode-se simplificar a técnica, não dimensionando tamanhos diferentes para a importâncias dos diferentes grupos, instituições, organizações, projetos, etc., e simplesmente avaliar o grau de interação dos mesmos com a comunidade de acordo com a proximidade ou não destes no diagrama em relação ao centro (Comunidade).

2.17.12. Planejamento Participativo

O planejamento é um processo de tomada de decisões sobre um curso de ações para transformar uma dada realidade, visando atingir um futuro desejável. Torna-se participativo quando busca uma visão múltipla e integrada, com diferentes olhares e experiências sobre o tema tratado, permitindo aos participantes coordenar e compartilhar

ideias, ações, perspectivas e preocupações.

O planejamento participativo de ações é permite aos participantes decidirem o que fazer concretamente para alcançar ou se aproximar da Visão de Futuro proposta. Este planejamento envolve estratégias, ações, recursos, prazos, e compromisso dos responsáveis.

Em um planejamento participativo também devem constar ações que viabilizem a implementação e acompanhamento da execução das ações pensadas, avaliação dos resultados esperados e alcançados, monitoramento e futura revisão.

Objetivos:

- ✓ Estabelecer o rumo a ser seguido pela organização, comunidade, grupo ou propriedade, com vistas a obter um nível de aperfeiçoamento na busca do seu desenvolvimento.
- ✓ Contribuir para o crescimento do capital humano e social. Os participantes aprendem o necessário para que sejam capazes de identificar problemas, potencialidades, oportunidades, problemas, limites e obstáculos ao seu desenvolvimento, a partir dos quais poderão definir coletivamente estratégias, prioridades, metas, monitorar e avaliar resultados.
- ✓ Proporcionar uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pelas diferentes instituições, grupos e instâncias da organização e maior cooperação entre elas, além da otimização dos recursos disponíveis.
- ✓ Qualificar o planejamento já que os participantes se sentirão muito mais comprometidos com as decisões que ajudaram a tomar e permite o aumento na capacidade de ação.

Desenvolvimento:

A primeira coisa a se pensar em um planejamento participativo é a Visão de Futuro. Determinar o que e aonde se quer chegar, estabelecendo limites concretos é primordial para um bom planejamento.

Num segundo momento é importante identificar o que te facilita ou impede o alcance deste futuro desejado. São as potencialidades, os problemas e suas causas, com suas

prioridades. Geralmente isso é feito na fase do diagnóstico.

O facilitador deve estar atento para evitar que a discussão dê voltas, assegurando que a informação oferecida por todos esteja incluída na análise das propostas, buscando o entendimento, acordo ou consenso.

Sempre anotar e descrever todo o processo de construção do planejamento, com seus conflitos e problemas se existirem, ou delegar esta função a um relator escolhido, tendo o cuidado de sempre mostrar aos participantes o que foi anotado, fixando a informação para a visualização de todos.

2.17.13. Matriz de planejamento

É uma técnica muito utilizada para planejamento e implantação de soluções de um determinado problema, demanda ou aproveitamento de potencialidades. Define uma ação para cada ponto levantado e priorizado no processo de diagnóstico.

O planejamento ou a tomada de decisão gira em torno de informações e envolve pensar. Questionamentos são de grande auxílio para abrir o pensamento.

Objetivos:

- ✓ Obter respostas, definir papéis e organizar as ideias para a resolução de problemas ou demandas junto aos participantes. Se parte da realidade atual para uma que se deseja, pautando as ações conforme os recursos disponíveis, prazos estabelecidos e responsáveis.
- ✓ Subsidiar aos participantes para que possam gerenciar, coordenar, avaliar e monitorar as ações para atender as demandas levantadas e priorizadas.

Desenvolvimento:

Com os dados, ideias e objetivos levantados no diagnóstico em mãos, o facilitador deve estruturar a matriz onde na primeira coluna se lista os problemas ou demandas e na primeira linha das colunas subsequentes os questionamentos sobre o que será feito: o que (Medida), como (Procedimento), onde (Local), quando (Prazo) e quem (responsáveis).

Em um planejamento mais completo podemos acrescentar ainda as indagações de quanto (recursos necessários) vai custar, quais as parcerias que podem facilitar a execução da ação e indicadores de monitoramento e avaliação.

O facilitador deve apresentar aos participantes o objetivo que se espera alcançar e a técnica e planejamento e matriz que será usada.

Preencher ou eleger um relator para que anote as ideias a medida que forem surgindo, mostrando o que se está anotando aos participantes e fixando a informação no local correto da matriz.

Dependendo do número de participantes e da quantidade de temas a serem discutidos devem ser divididos subgrupos, mas sempre com o cuidado de somente concluir a matriz após apresentar o trabalho dos grupos para todos os participantes.

O preenchimento da matriz deve ser feito de forma que seja trabalhado um , um problema ou demanda por cada vez, fazendo o exercício de responder todos os questionamentos até o último.

Para facilitar a visualização e o planejamento, se houverem várias metas ou objetivos a serem alcançados, devem ser utilizadas várias matrizes, sendo uma para cada.

O que?	Como?	Onde?	Quem?	Quando?
Resgate da Cultura	Programação, Confecção de calendário de eventos e divulgação através de panfletos, cartazes, internet, rádio e comunidades	comunidades	Secretarias, especialmente cultura, conselhos comunitários	O ano todo
Diversificação de culturas	Tecnologia adequada e financiamentos bancários	Regiões específicas	Secretaria Agricultura	1º trimestre de 2009
Sustentabilidade para o homem no campo	Infra-estrutura, agroindústria e associativismo	Nas propriedades	Instituições financeiras – secretaria agricultura, parceiros	Permanente-mente
Associativismo	Conscientização	comunidades	Lideranças comunitárias	urgente
Serviços Públicos -Estradas, Fone Rural, Máquinas	Parcerias	Governo municipal estadual e Federal	Conselho municipal de desenvolvimento rural	1º semestre de 2009
Condições de vida	Projetos	Secretaria de planejamento e desenvolvimento	Secretario e equipe	urgente
Capacitação de pessoal	Treinamentos específicos	prefeitura	Instituições especializadas	1º trimestre de 2009

2.17.14. Dinâmica de Grupo

As dinâmicas de grupos são simples ferramentas, na qual a interação entre as pessoas

do grupo é fundamental no aprendizado. Oferecem às pessoas uma resposta às necessidades lúdicas escassas em diversos ambientes, com o objetivo de integrar o grupo e possibilitar um retorno dos dados necessários. Tem características peculiares, o que as tornam criativas, atrativas e práticas, podendo ter finalidades diversas.

Objetivos

- ✓ Motivar a participação e integração do grupo
- ✓ Tirar barreiras que impedem a comunicação
- ✓ Proporcionar abertura de um participante em relação aos outros,
- ✓ Despertar nas pessoas o sentido da solidariedade, cooperação, colaboração
- ✓ Sensibilizar os participantes para o trabalho em equipe
- ✓ Permitir o desenvolvimento de um lado descontraído e crítico dos participantes.
- ✓ Minimizar a indiferença, a frieza, o individualismo e a agressividade
- ✓ Ajudar no conhecimento mútuo entre participantes com suas limitações, deficiências e suas habilidades.
- ✓ Servir para que o facilitador perceba o grau de maturidade, de abertura, de harmonia e de expectativas do grupo.

Desenvolvimento:

Na formação do grupo e na elaboração das dinâmicas é necessário ter objetivos claros e bem definidos. As dinâmicas se tornam eficientes quando utilizadas com muita destreza, esforço e entusiasmo. Devem ser encaradas com o máximo de seriedade e criatividade, para adaptá-la ao grupo e atender os objetivos estabelecidos.

A preparação da dinâmica deve ser feita com critério e antecedência. É preciso verificar se o local é adequado e o material necessário esteja disponível.

O facilitador deve ter domínio sobre a técnica, e para disso deve estudar os procedimentos com antecedência, as regras e/ou princípios das dinâmicas que pretende usar. Essas ferramentas podem ser adaptadas de acordo com a realidade, idade, tamanho e as características do grupo. Mas, uma vez adaptadas é necessário ser claro na divulgação das regras.

São dinâmicas de motivação, portanto o facilitador deve ser entusiasmado e flexível ao

conduzir a atividade para que ela não se torne cansativa.

É preciso estar atendo às reações do grupo. As vezes o grupo pode não entender ou aceitar facilmente uma quebra radical de tradições e comportamentos, por isso a percepção do retorno que a maioria do grupo está dando é muito importante.

Ao final de cada dinâmica é importante compartilhar sobre o que os participantes acharam ou perceberam ao desenvolvê-la, em seguida concluir com o que o facilitador pretendeu mostrar ao realizar essa dinâmica.

Descreveremos alguns exemplos de dinâmicas de grupos mais trabalhadas no Incaper:

1. Apresentação em Duplas

Para que todos se conheçam e se sintam a vontade no grupo, o facilitador solicita que os participantes formem subgrupos de dois, com parceiros que não se conheçam. Durante alguns minutos as duplas se entrevistam mutuamente, conversando a respeito de si, seus gostos, seus desejos, suas expectativas, sua família, seu trabalho, etc., e anotar o nome e expectativas para o evento em uma targeta/papel. Logo após voltam ao grupo grande e cada membro fará a apresentação do colega entrevistado e colará a targeta com os dados do outro em um painel/parede para que todos visualizem. Ninguém poderá fazer sua própria apresentação.

2. Construção da Arvore de Expectativas

Os procedimentos são iguais a apresentação em duplas, com algumas variações. As targetas/papel devem ser cortadas em formato de folhas a serem fixadas em um tronco desenhado previamente no quadro/painel/papel, formando uma árvore. É preciso que essa fixação seja feita com material que permita posterior a remoção (fita adesiva, alfinete, etc), pois pode ser usada também como dinâmica de avaliação, já que no final do evento cada participante retira sua folha, dizendo e explicando se sua expectativa foi atendida.

3. Apresentação com introdução do tema

Recortar targetas em número suficiente, de modo a não faltar para ninguém. Formar duplas de targetas de modo que se tenha escrito uma palavra chave como uma sigla ou nome em uma targeta e em outra o significado ou conceito dela (Ex.: MDA / Ministério do Desenvolvimento Agrário). Mistura-se as cartelas e se faz a distribuição entre os

participantes, tendo o cuidado para que todos recebam. Pedir aos participantes para procurarem as sua dupla de forma que as targetas se completem. À proporção que cada dupla se encontrar, procuraram se conhecerem e discutir sobre o que está escrito nas targetas. Após alguns minutos, o facilitador solicita que algumas duplas se apresentem e falem sobre o que está escrito nas targetas.

4. Passando a Bola

Explicar aos participantes que será dada uma oportunidade para que aprendam mais uns dos outros. Formar um círculo e quem estiver com a bola (ou um objeto pequeno qualquer) deve passá-la á outra pessoa que deverá dizer seu nome e algumas informações sobre si, além de sua expectativa para o evento. Quando todos tiverem falado, explicar que na segunda rodada eles terão que passar a bola a alguém e dizer o nome da pessoa e o que ela disse na rodada anterior. Apontar a importância de saber ouvir, que muitas vezes estamos muito preocupados com o que vamos dizer, que esquecemos de prestar atenção no que nos é dito.

5. Teia de aranha ou rede de pescador

Os participantes formam um círculo e se entrega a um deles o rolo de barbante. Esse primeiro participante deve se apresentar e falar sua expectativa em relação ao trabalho que se vai fazer, segurando a ponta do barbante. Depois deve jogar o rolo para alguém que ele queira. A pessoa agarra o rolo, segura o barbante, se apresenta e joga o rolo para a próxima. Esse procedimento se repete até que todos os presentes tenham se apresentado e estejam interligados por uma espécie de teia de aranha ou rede de pescador. Ao final das apresentações o facilitador pede que os participantes analisem o que aconteceu, reforçando a importância da participação de todos na construção desta teia/rede, mostrando a necessidade de interação, integração, cooperação e comprometimento.

6. Desfazendo nós

Faz-se um círculo com todos os participantes de mãos dadas. O facilitador deve pedir que cada se um apresente e memorize exatamente a pessoa que está segurando sua mão direita e a mão esquerda. Depois pede que todos larguem as mãos e caminhem aleatoriamente, passando uns pelos outros sem se despreocuparem com a posição original em que se encontravam. O facilitador então pede para que todos parem onde estão e em seguida, sem sair do lugar, deem as mãos para as respectivas pessoas que

estavam de mãos dadas anteriormente. Vai ser uma confusão e eles terão que se aproximar muito uns dos outros para conseguirem dar as mãos, sem cometer erros, as pessoas que anteriormente estavam a sua esquerda e a sua direita. Então deve pedir para que todos, juntos, tentem formar novamente a roda sem soltar as mãos, valendo passar por baixo ou por cima de mãos dadas. Todos, juntos, devem tentar fazer de tudo para que esta roda fique totalmente aberta. Pedir aos participantes para comentarem a experiência e ressaltar a importância da participação e cooperação entre os participantes, dizendo que o objetivo do grupo só será alcançado se todos se empenharem na solução de qualquer problema e no caso seria impossível desfazer o nó.

7. Construção do Quadro Coletivo

O facilitador deve orientar os participantes para que fechem os olhos e imaginem um quadro com o desenho ou a pintura de uma paisagem. Em seguida orienta para que um participante se apresente e dê um traço que represente o quadro que imaginou, em um papel/cartolina que esteja fixado em lugar visível para todos os participantes. Depois pede que cada participante, um a um, vá completando este traço ou inserindo traços novos, de acordo com a imagem que formou na mente. Quando todos tiverem colocado seu traço no quadro coletivo, o facilitador deve acrescentar alguns traços ao quadro com o objetivo de unir e formar imagens. Pedir ao grupo para dizer se o quadro coletivo construído ficou igual aquele que cada um tinha em mente. Ressaltar que apesar do quadro não ter ficado igual ao que imaginou cada um identifica neste quadro o seu traço, definindo a importância de sua participação na construção.

8. Carro coletivo

Pedir que os participantes se imaginem uma peça de um carro levando em conta o papel que tem desempenhado no grupo. Em seguida, um por um se apresenta e diz qual peça se imagina e o porquê da escolha. O facilitador deve ressaltar a importância de cada peça no funcionamento do automóvel, seja ela de apoio, condução ou impulsora.

9. A Raposa e o galinheiro

O facilitador pede a uma pessoa que seja a raposa e a outras duas que seja os pintinhos. O restante do grupo formará o galinheiro que irá proteger os pintinhos. Esse grupo deverá formar um círculo apertado com os braços entrelaçados em forma de corrente em volta das pessoas que representam os pintinhos, e farão o possível para que a pessoa que representa a raposa não consiga entrar no círculo/galinheiro. O objetivo do grupo

será proteger os pintinhos e o da raposa pegá-los. Depois de algum tempo de tentativa será interessante discutir com o grupo como se sentiram não deixando ou não conseguindo entrar no grupo, ou que estratégia usou para pega os pintinhos e como o grupo se sentiu ao deixar os pintinhos serem capturados. Ressaltar a cooperação, o planejamento, criatividade e a união entre os participantes.

10. Dinâmica de Avaliação

O objetivo das dinâmicas de avaliação é oferecer um modo fácil e rápido para que os encontros, oficinas, ou reuniões de grupo, entre outros, possam ser avaliados e, a partir dessa avaliação, o grupo possa manter ou melhorar a forma de procedimento. O facilitador da dinâmica deve explicar que o momento de avaliação é importante para suscitar formas diferentes de fazer as coisas do que para "chorar o leite derramado". Cada avaliação deve ser anotada, e as impressões devem ser inseridas nos relatórios para análises e possíveis alterações nos futuros trabalhos.

Avaliação com palavra: O facilitador escolhe alguém para anotar as colocações e pede aos participantes que digam como se sentem ao final dos trabalhos. Isso pode ser feito através de depoimentos ou de uma única palavra. Não deve interromper ou se justificar, mesmo se houverem críticas. Esse momento serve para os participantes mostrarem o grau de contentamento com os trabalhos e seus resultados.

Avaliação das carinhas: Desenhe 3 carinhas em um papel/cartolina, onde as expressões revelem em uma alegria, outra indiferença e outra raiva ou preocupação. Cole em algum lugar que não seja visível para ninguém, assim como nas costas de uma porta ou painel, dando privacidade para permitir que os participantes não fiquem constrangidos ao dar suas opiniões. Pedir para que cada participante marque uma das opções de carinha que represente como ele se sente no fim dos trabalhos.

Avaliação com perguntas escritas: Sendo grupos com muitas pessoas e dependendo do objetivo da avaliação é interessante realizar esta avaliação através de questionários. O facilitador entrega uma cópia do questionário para cada um e dá alguns minutos para que as perguntas sejam respondidas da maneira mais objetiva possível. Esse questionários deve ser uma avaliação mas também deve conter espaço para que os participantes coloquem sugestões de como melhorar. Devem ser breves, objetivos e de fácil entendimento.

3. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, J. G. F.; LEITE, T. A. **Extensão Rural – Metodologia e Fundamentos para o Trabalho com Grupos**. DER/CEE/UFV, Viçosa- MG. 1981. (material apostilado).

BEAL, B. M. ET alii. **Liderança e dinâmica de grupo**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1963.

BERGEVIN, P. & MORRIS, D. **Processos de grupos para educação de adultos**. Centro de Publicações técnicas da Aliança. Rio de Janeiro. 1963.

BIASI, C.A.F.; GARBOSA NETO, A.; SILVESTRE, F. S. ; ANZUATEGUI, I. A. **Métodos e Meios de Comunicação para a Extensão Rural**, 2v. Curitiba, ACARPA, 1979.

CORREA, J. **A demonstração como Processo Didático- Demonstrações Práticas**- CEE: Convênio UFV/EMBRATER. Viçosa. 1979.

DIAS, J. C. L. **Metodologia e dinâmica dos Métodos usados no trabalho de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Material apostilado. 1977.

DESSIMONI, D. P. G. & ALMEIDA, M. J.de. **Dia de Campo**. COOPASUL. UFV: Viçosa. 1982.

FRANCO, J. C. & ALMEIDA, M, J. **Curso**. Viçosa, Centro de Ensino de Extensão-CEE, 1974. 10p. (material apostilado)

LEITE, T. A. **Tipos de Reunião**. CEE/ Convênio UFV/ EMBRATER, Viçosa, 1979.

LEITE, T. A. in. **Metodologia para a Extensão Rural**. CCE/EMPAER- CECOR V.2. Mato Grosso do Sul-MS

RAMSAY, J. ET alii. **Extensión agrícola- Dinámica del desarrollo rural**. IICA, Lima, Peru. 1972.

SARAIVA, J. S. T. **Extensão Rural – Processo de Comunicação Educativa, participativo, realístico e de integração**. Março 2002. Incaper.

SERVIÇO DE EXTENSÃO DO PARANÁ- ACARPA/EMATER-PR. **Manual de Metodologia**. Volumes I e II. Vários autores. Curitiba- PR. 1977.

EMBRATER. **Serie Comunicação e Metodologia de Extensão Rural**. Boletim, V.1, V.2, V.3. Brasília- DF. 1882.

MATA, V. S. **Demonstração de Métodos**. In Metodologia para a Extensão Rural. CEE/EMPAER- CECOR V.2. Mato Grosso do Sul- MS.

SILVA J. C. da. **Demonstração de Resultados**. In Metodologia para a Extensão Rural. CCE/EMPAER- CECOR V.2. Mato Grosso do Sul-MS.

FORTES, N. T. **Unidade Demonstrativa**. In Metodologia para a Extensão Rural. CCE/EMPAER- CECOR V.2. Mato Grosso do Sul-MS.

BATISTA, I. P. C. & COELHO, M. A. C. & CEMBERG, T. A. **Metodologia; Métodos Grupais: textos e instrução programada**. ACARPA- Curitiba- PR. 1977. 202 p.

FARIA, A. CUNHA, A. da; FERREIRA NETO, P. **Ferramentas do diálogo – qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnóstico rural participativo**. Brasília: MMA; IEB, 2006. 76 p.: il. color ; 23 cm.

SCHÖNHUTH, M.; KIEVELITZ, U. **Diagnóstico Rural Rápido, Diagnóstico Rural**.

GTZ. **Participativo: Métodos participativos de diagnóstico y planificación en la cooperación al desarrollo**. GTZ, Eschborn (Alemanha), 1994.

GERBER, M. L. **Planejamento Participativo: A experiência da região administrativa da EMATER/RS de Porto Alegre**. Seropédica: UFRRJ, 2002. 25p. (Monografia, Pós-graduação lato sensu em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

FONTES FILHO, J. R. **Planejamento Estratégico**. 3ª Rio de Janeiro: FGV Consulting – 65 p.

NICOLA, M. P. **Leitura da Paisagem – Uma Análise do seu Papel como Instrumento de Abordagem Participativa para Diagnóstico Rural Rápido da Realidade Municipal: O Caso de Santa Vitória Do Palmar**. Seropédica: UFRRJ, 2002. 30p. (Monografia, Pós-graduação Lato Sensu em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

LIMA, T., D. de. **Manual de Metodologias Participativas para o Desenvolvimento Comunitário**. Canadian International Development Agency. 109p.

PEREIRA, M. N. et. al. **Métodos e Meios de Comunicação para a Extensão Rural – Glossário**. Versão Preliminar. Porto Alegre, 2009. 41p.

ARAÚJO, J. G. F. **Metodologia**. DER/CEE/UFV, Viçosa- MG. 1981.

RUAS, Elma Dias et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR**. Belo Horizonte, março 2006. 134p.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA/ SAF, 2006. 62 p: il.

Anexo 1 - Exemplo de Programação de Encontro

Tema: 3º ENCONTRO DE CITRICULTORES DAS MONTANHAS DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMAÇÃO

08h00 Recepção dos participantes

09h00 – Abertura Oficial

09h30 – Palestra: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS DA CITRICULTURA DE MESA NO BRASIL -
Fernanda Geraldini – Analista de Mercado de Citros – CEPEA/ESALQ/USP – SP

10h20 – Palestra: NOVAS ALTERNATIVAS DE EMBALAGEM PARA CITROS - Marcos Antonio
Magnago – CEASA-ES

10h40 – Intervalo

11h00 – Mesa Redonda: COMERCIALIZAÇÃO DE CITROS

Participação: Representantes de cadeias de supermercados e distribuidores da Grande Vitória e do
Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal.

Coordenação: Hemerval Guerini - Engº Agrº Extensionista Incaper

12h30 – Almoço

13h30 – MANEJO DA MOSCA DAS FRUTAS

Maurício José Fornazier – Engº Agrº M. Sc. Pesquisador Incaper

David dos Santos Martins – Engº. Agrº Doutorando – Pesquisador Incaper

15h30 – Encerramento.

Anexo 2 - Exemplo de Ementa de um Curso

PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO CONTINUADA DOS AGENTES DE ATER DO INCAPER

Capacitação de apoiadores em planejamento e metodologias de Ater

Modulo I – Desenvolvimento sustentável e ação extensionista :processo de planejamento e metodologias de ATER.

1. Ementa do módulo:

Módulo I–A: Contextualização da ação extensionista e do desenvolvimento rural sustentável:
Histórico e práticas da ATER. Pnater, Desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento local/territorial. Políticas públicas. O processo de planejamento. Relato e análise de experiências de planejamento participativo. Participação. Funções, metodologias e estratégias de Ater. Métodos clássicos de Ater. Metodologias participativas da extensão rural: importância, enfoque, princípios e aplicação.

Módulo I–B: Ferramentas de promoção da participação. Planejamento participativo regionalizado. Construção do programa da oficina de capacitação.

Moderação participativa e visualização móvel. Métodos e ferramentas de promoção da participação. Metodologias participativas e algumas ferramentas: DRP, Leitura da paisagem, unidades de observação, unidades demonstrativas, unidades de experimentação participativa, entre outras. O trabalho de planejamento participativo do regional Porto Alegre. Construção coletiva do programa da oficina de capacitação de agentes de Ater.

2. Questões problematizadoras do módulo:

- Pacote tecnológico – revolução verde
- Modelo de desenvolvimento brasileiro.
- Cenários de atuação da Ater.
- reconhecimento de diferenças.
- Assistência técnica, Extensão rural e Pesquisa
- Concepção de participação e metodologias.
- Extensionista: facilitador e articulador de DRS (agente de desenvolvimento ?).
- Autonomia e empoderamento dos agricultores.

- Métodos clássicos da extensão rural.
- Ferramentas de promoção da participação e práticas pedagógicas.
- Ater e políticas públicas.

3. Conteúdo programático:

Módulo I - A

3.1. Contextualização da ação extensionista e do desenvolvimento rural sustentável.

- 3.1.1. História e práticas da extensão rural. Pnater. Lei de Ater.
- 3.1.2. Desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento local/territorial. O novo rural. Políticas públicas. Agroecologia

3.2. O processo de planejamento.

- 3.2.1. O planejamento enquanto processo técnico, político e feito de forma simplificada.
- 3.2.2. Planejamento participativo. O uso de ferramentas participativas para diagnóstico, planejamento e construção de planos e projetos de desenvolvimento rural.
- 3.2.3. Visita à comunidade ou município próximo para conhecer o processo de planejamento e a metodologia de extensão rural utilizada.
- 3.2.4. Relato e análise de experiências de planejamento participativo

3.3. Funções e estratégias de Ater. Participação.

- 3.3.1. Funções e estratégias de Ater.
- 3.3.2. Participação: fundamentos e operacionalização.

3.4. Metodologias de Ater.

- 3.4.1 Métodos clássicos (individuais, grupais, massais)
- 3.4.2 Metodologias participativas da extensão rural: importância, princípios e aplicação

Módulo I - B

3.5. Ferramentas participativas

- 3.5.1. Moderação participativa e visualização móvel.
- 3.5.2. Métodos e ferramentas de promoção da participação (metodologias participativas). unidades de observação, unidades demonstrativas, unidades de experimentação participativa.

3.6. Planejamento Participativo Regionalizado. (da comunidade à região).

- 3.6.1. O planejamento participativo na região de Porto Alegre.

3.7. Construção do programa da Oficina de Planejamento e Metodologia.

4. Plano de desenvolvimento: Carga horária total: 64 horas

5.Coordenação:

Celia Jaqueline Sanz Rodriguez - DOT/Incaper
Bernadeth Bonna Dutra Alves - DRH/Incaper
Ricardo Silva Baptista - DOT/Incaper

8. Assessoria: Instrutores/facilitadores:

Mauro F. Stein – Emater/Rs- Ascar
Mário Gerber - Emater/Rs - Ascar

Anexo 3 – Exemplo de Programação de Dia-de-Campo

Tema: SUSTENTABILIDADE DA PROPRIEDADE RURAL

PROGRAMAÇÃO

13h00 – Recepção aos Participantes

ESTAÇÃO 01: DIVERSIFICAÇÃO AGRÍCOLA

João Miranda dos Santos – Eng.º Agr.º DSc. Fitotecnia – Incaper / Cláudio Huver - Agricultor

ESTAÇÃO 02: SISTEMA AGROFLORESTAL

Edegar Antonio Formentini – Eng.º Agrônomo - Incaper

ESTAÇÃO 03: AGRICULTURA ORGÂNICA

Iosmar Luiz Mansk – Técnico Agrícola - Adm. Rural - Incaper

Ilza Helena da Silva Ferreira - Agricultora

ESTAÇÃO 04: PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Marcus E. Rocha de Barros – Eng.º Agrº Adm. Rural - Incaper

16h00 – Encerramento

Anexo 3. Exemplo de projeto de Dia Especial

DIA ESPECIAL SOBRE MORANGO

Local – EFA Garrafão – Santa Maria de Jetibá- ES

Data: 20 de junho de 2007

Promoção: Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá e SEAG

Realização: Comunidade de Garrafão e INCAPER

INTRODUÇÃO - A cultura do morangueiro concentra-se nos municípios da Região Centro Serrana, com destaque para Santa Maria de Jetibá, Venda Nova do Imigrante e Domingos Martins como maiores produtores.

A área plantada no estado é da ordem de 250 ha para uma produção de 8.000 toneladas anuais (2005). As cultivares 'Camarosa' e 'Osogrande' que são indicadas para plantio, ocupam 90% da área plantada, sendo os outros 10% ocupados com as cultivares 'Tudla', 'Dover', e novas introduções.

O Estado apresenta mais de 10% de sua área com condições climáticas favoráveis no que diz respeito a temperatura ao fotoperíodo e a pluviosidade para a produção do morango, podendo ser estimulado a sua ampliação tão logo o mercado tenha condições de oferecer uma remuneração segura e rentável.

Como a cultura do morango tem atualmente remunerado bem os agricultores, é normal que haja uma "corrida" de novos agricultores ingressando na atividade o que pode pela inexperiência trazer algumas frustrações.

Neste sentido o **Dia Especial** surge como uma forma de profissionalizar cada vez mais os agricultores e a comunidade, aproximar esse segmento de entidades de fomento e apoio, informando sobre as Boas Práticas Agrícolas, novas tecnologias e manejo adequado da cultura, colheita e pós- colheita e comercialização, além de apresentar ao consumidor final, novas formas de utilização do morango na culinária.

A divulgação da fruta como uma das alternativas econômicas da região de montanha pode ser feita tendo como base o Dia Especial, pois esse método contempla na sua programação características técnicas, festiva e cultural o que facilita o envolvimento da comunidade.

É importante lembrar que essa cultura foi introduzida na região há mais de 40 anos e se transformou numa atividade símbolo da cultura regional.

IMPORTÂNCIA DO MORANGO - A fruticultura do Estado do Espírito Santo tem sido organizada em Pólos como forma eficiente de potencializar a produção de frutas, fortalecendo o setor pela maior representatividade institucional pelas ações de capacitação e pelo potencial de superação dos pontos críticos, possibilitando uma maior garantia de fornecimento contínuo de produto.

Em razão da importância socioeconômica e da demanda crescente do morango para fins agroindustriais e mercado *in natura*, O Governo do Estado por meio da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca- SEAG e do Incaper criou o “Polo do Morango no Espírito Santo”, abrangendo as regiões com aptidão agroclimática favoráveis.

A delimitação do Polo teve como base o Mapa de Unidades Naturais do Estado, englobando os municípios delimitados, em “Terras Frias”, com altitude entre 850 e 1200 metros e “Temperaturas Amenas”, com altitude entre 450 a 850 metros.

O agronegócio morango gera cerca de 16 empregos por hectare, totalizando, atualmente 3.000 empregos diretos, somente na fase de produção, em cerca de 200ha cultivados, com produção superior a 5.000 toneladas.

OBJETIVOS - O Dia especial é o método mais adequado pelos organizadores para mobilizar e incentivar a comunidade a entenderem e buscarem juntos a potencialização da produção de morango com organização e qualidade, buscando a sustentabilidade da atividade na região do Garrafão.

Alguns Objetivos do Dia especial

- ✓ Potencializar o agronegócio morango da região do Garrafão
- ✓ Promover o intercâmbio de informações entre produtores, profissionais e representantes dos diversos seguimentos que compõem a cadeia produtiva do morango na região;
- ✓ Aumentar o nível de informação dos agricultores no sentido da produção de morango com qualidade;
- ✓ Valorizar os produtores familiares de morango de Santa Maria de Jetibá;

PÚBLICO ALVO

- Agricultores Familiares;
- Líderes e empresários rurais;
- Dirigentes de cooperativas e associações;
- Órgãos Públicos de pesquisa e assistência técnica;
- Instituições de ensino;
- Profissionais ligados ao agronegócio;
- Alunos da rede estadual e municipal de ensino;
- Empresários de alimentos em geral;
- Setores Ligados ao Agroturismo;
- Profissionais do setor agrícola;
- Engenheiros agrônomos;
- Engenheiros de alimentos;
- Nutricionistas;
- Economistas domésticos;
- Mulheres Agricultoras;
- Técnicos agrícolas;

PLANO DE DIVULGAÇÃO - A divulgação do evento contará com convites direcionados aos agricultores, as autoridades e aos potenciais patrocinadores, utilizando-se de uma mala- direta organizada previamente.

Outras peças publicitárias serão também confeccionadas tais como folder-convite constando a

programação, cartazes e correio. Além disso, serão feitas e afixadas faixas em locais estratégicos da região e da comunidade.

O rádio e a TV são veículos de massa importantes e podem ser veiculados alguns anúncios, principalmente em programas rurais. No dia do evento peças publicitárias de identificação e divulgação devem fazer parte do plano de divulgação tais como: banner, faixa da mesa de autoridades e de patrocínio e painel de fundo, contendo informações básicas de identificação do evento e as assinaturas institucionais de promoção, realização e patrocínio.

PROGRAMAÇÃO

8:30 h – Abertura solene e homenagens à personalidades do morango

Prefeito Municipal

Secretário de Estado da Agricultura

Diretor Presidente do INCAPER

Secretario Municipal de Agricultura

9: 00 h– Palestra: Boas Práticas na Pré e Pós- colheita do Morango

Palestrante: Jose Mauro de Souza Balbino

Pesquisador do Incaper

10:30 h- Palestra: Produção de Mudas e Variedade

Palestrante: César Pereira Teixeira

Pesquisador do Incaper

12:00 h- Almoço de confraternização

13:30 h- Apresentações culturais e Shows com artistas locais

14:30 h- Lanche com receitas produzidas com morango.

16:00 h- Eleição da Rainha do Morango

18:00 h- Culto Ecumênico

19:00 h- Baile com bandas regionais

ORÇAMENTO

Discriminação de materiais e serviços	Valor (R\$)
01 – Projeto básico do evento	1.000,00
02 – Material gráfico: cartazes e folder	8.000,00
03 – Serviços de Divulgação:	9.000,00
04 – Secretaria do evento: recepcionistas	2.000,00
05 – Transporte e combustível	1.000,00
06 – Mobiliários para auditório (Mesa e Cadeiras)	800,00
07 – Estrutura e Montagem dos <i>stands</i> básicos	5.400,00
08 – Segurança, pessoal de apoio e de limpeza	1.900,00
09 – Serviço de correios	1.950,00
10 – Assessoria de Imprensa	1.500,00
11 – Equipamentos de audiovisuais	600,00
12 – Empresa organizadora.	5.000,00
13 – Coffee- break	700,00
14 – Confecção de banner,faixas e painéis	2.200,00
15 – Cobertura em toldos	8.500,00
16 – Hospedagem dos palestrantes.	500,00
17 – Sonorização	3.000,00
18 - Fotografia	600,00
19 – Palco e iluminação	8.400,00
20 – Estrutura de Banheiros Químicos	3.600,00
TOTAL	65650

Anexo 5. Exemplo de Passos e Pontos Chaves para a Demonstração de Métodos

DM - Demonstração de Métodos

Tema: PODA DE FORMAÇÃO EM ROSEIRAS

Extensionista: João Miranda dos Santos

Incaper - ELDR Domingos Martins

Objetivo Geral: Demonstrar como realizar poda de formação em roseiras

Atividade	Passo a Passo	Material Necessário	Informações técnicas
1. Identificação dos equipamentos	1.1. Identificar e conhecer os equipamentos e/ou utensílios necessários.	-Tesouras de Poda; -Rastelo; -Luvas de couro;	A identificação dos equipamentos se faz necessária para o seu uso correto
	1.2. Manusear corretamente os equipamentos e utensílios	-Carrinho de mão -Hipoclorito de sódio	
2. Poda de Formação em roseiras	2.1. Conhecer sobre a importância da poda da roseira.		Esta poda é necessária para formar plantas vigorosas, produtivas e com boa arquitetura.
	2.2. Saber as vantagens da poda de formação.		Tem como vantagens boa entrada de luz, copa bem formada, arejamento, melhor controle de pragas e doenças.
	2.3. Identificar as partes vegetativas a serem cortadas	- Roseiras	A escolha acertada é imprescindível para boa produtividade.
	2.4. Cortar os ramos com a tesoura de poda, fazendo cortes próximos às folhas, deixando no mínimo duas ou três gemas por ramo.	-Tesouras de Poda; -Luvas de couro;	Importante o corte correto para emissão rápida da brotação, redução de doenças, principalmente fúngicas.
	2.5. Retirar os restos vegetais para fora da área	-Rastelo; -Carrinho de mão	Este material pode passar pela compostagem e depois retornar para o roseiral.
	2.6. Fazer desinfecção da tesoura antes de passar para outra planta.	-Hipoclorito de sódio	Importante para evitar transmissão de pragas e doenças.

Anexo 6. Exemplo de Formulário de Instalação e acompanhamento de UO, UD e DR.

FORMULÁRIO DE INSTALAÇÃO E ACOMPANHAMENTO

- Unidade de Observação ()
- Unidade de Demonstração ()
- Demonstração de Resultado ()

Proprietário:.....
Distrito/Comunidade:.....
Atividade:.....
Escritório Local:.....

Propriedade:.....
Município:.....
Ano Agrícola:.....
Regional:.....

Justificativa:

Objetivo:

Dados de Instalação:

1) Aração (data _____ / _____ / _____) 2) Gradagem (data) _____ / _____ / _____ 3) Data de Plantio _____ / _____ / _____

4) Semente ou Muda

5) Espaçamento _____ x _____ mx _____ m

Cultivar:

Procedência:

6) Descrição do local da Unidade:

a) Posição Topográfica

Várzea/Baixada ()
Meio Encosta ()
Encosta ()
Ponto Alto (topo) ()
Tabuleiro (plano) ()

b) Características do Solo

Arenoso ()
Areno-Argiloso ()
Argilo-Arenoso ()
Argiloso ()

7) Análise do Solo

PH	Al me/100cc	Ca+Mg me/100cc	K ppm	P ppm	MO %

Instalação do Campo - Faça o croqui de localização da unidade com distribuição dos tratamentos

Observação:

8) Colheita

Data..... Área Colhida.....m²

nº Parcela e Tratamento	Peso/Área Colhida Kg	Rendimento Kg / há

Preço Total do Produto na Época da Colheita.....R\$

Custo Total da Unidade.....R\$

Margem Bruta.....R\$

6) Métodos Utilizados

Métodos	Nº Eventos	Nº de Participantes
Visita		
Visita com DM		
Reunião		
Reunião com D.M		
Excursão		
Dia de Campo		
Curso		

Técnico Responsável - Nome e Assinatura